



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
São Tomé e Príncipe

DINÂMICA NATURAL DA POPULAÇÃO EM S. TOMÉ E PRÍNCIPE

(III Recenseamento Geral da População e da Habitação de 2001)
)

Ano de Edição: 2003

CATALOGAÇÃO RECOMENDADA

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

Dinâmica Natural da População em São Tomé e Príncipe, RGPH-2001. - São Tomé: INE, 2003, - 46 p.

DIRECTOR-GERAL

ALBANO GERMANO DE DEUS
Telefone: 00 239 221 982
E-mail: albano_ine@cstome.net

EDITOR

Instituto Nacional de Estatística, Largo das Alfândegas, C. P. 256,
Telefone: 00 239 221 313
Fax: 00 239 221 982, São Tomé, São Tomé e Príncipe

COMPOSIÇÃO

INE, Direcção de Estatísticas Demográficas e Sociais, Departamento de Censos e Inquéritos

IMPRESSÃO

Gráfica de

ESCLARECIMENTO

HELDER SALVATERRA
Telefone: 00 239 223 590
E-mail: helder_ine@cstome.net

EQUIPA TÉCNICA

Autor: **HELDER SALVATERRA**
Revisor: **FREDERICO GUSTAVO DOS ANJOS**
Informático: **EUGÉRIO MONIZ**

(ASSISTÊNCIA TÉCNICA DO FNUAP E BUREAU DO REENSEAMENTO - EUA)

ÍNDICE

Páginas

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS	
.....	04
SIGLAS UTILIZADAS E CONTACTO	
.....	06
INTRODUÇÃO	
.....	07
PARTE I: FECUNDIDADE EM S. TOMÉ E PRÍNCIPE	
.....	08
CONTEXTO SÓCIO-ECONÓMICO E DEMOGRÁFICO	
.....	09
CONCEITOS E INDICADORES UTILIZADOS	10
A. NÍVEL E ESTRUTURA DA FECUNDIDADE	12
A.1. Fecundidade Passada	
.....	12
1.1. Paridade média	
.....	12
1.2. Descendência final	
.....	12
A.2. Natalidade e Fecundidade Actual	
.....	12
2.1. Natalidade	
.....	12
2.2. Fecundidade actual (Nível e Estrutura)	
.....	13
B. FECUNDIDADE E FACTORES SÓCIO-ECONÓMICOS	16
B.1. Paridade Média e Meio de Residência	
.....	16
B.2. Paridade Média e Nível de Instrução	
.....	16
B.3. Paridade Média e Actividade Económica	
.....	17
B.4. Paridade Média e Estado Civil	
.....	18
C. TENDÊNCIA DA FECUNDIDADE	20
D. NÍVEIS E TENDÊNCIA DA INFECUNDIDADE	21
PARTE II: MORTALIDADE EM S. TOMÉ E PRÍNCIPE	
.....	23
CONTEXTO SÓCIO-ECONÓMICO E DEMOGRÁFICO	
.....	24

CONCEITOS E INDICADORES UTILIZADOS	25
A. NÍVEIS E TENDÊNCIAS DA MORTALIDADE	26
A.1. Evolução da mortalidade em S. Tomé e Príncipe	26
A.2. Mortalidade Actual	27
2.1. Mortalidade geral	27
2.2. Mortalidade infantil	29
A.3. Estrutura da Mortalidade	29
CONCLUSÃO	32
BIBLIOGRAFIAS	34
ANEXO	

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

FECUNDIDADE:

Tabelas

- A.1 Evolução da paridade média por idade das mães, 1981-1991-2001
- A.2 Taxa bruta de natalidade por sexo, meio de residência e distritos, 2001
- A.3 Índice sintético de fecundidade e taxa bruta de reprodução por meio de residência e distritos, 2001
- A.4 Taxa de fecundidade por idade segundo o meio de residência e distritos, 2001

- B.1 Paridade média por idade segundo o meio de residência e distritos, 2001
- B.2 Paridade média por idade das mães segundo o nível de instrução, 2001
- B.3 Paridade média por idade das mães segundo a actividade económica, 2001
- B.4 Paridade média por idade das mães segundo o estado civil, 2001

- C.1 Evolução da taxa de fecundidade por idade, 1991 e 2001

- D.1 Percentagem de mulheres sem filhos nascidos vivos por idade, meio de residência e distritos, 2001
- D.2 Percentagem de mulheres casadas e em união-de-facto sem filhos nascidos vivos por idade, meio de residência e distritos, 2001

Gráficos

- A.1 Evolução da paridade média por idade das mães, 1981-1991-2001
- A.2 Descendência final em 2001
- A.3 Taxa bruta de natalidade por sexo e meio de residência, 2001
- A.4 Índice sintético de fecundidade e taxa bruta de reprodução por meio de residência e distritos, 2001
- A.5 Taxa global de fecundidade por meio de residência, 2001
- A.6 Variação da taxa específica da fecundidade por meio de residência, 2001

- B.1 Número médio de filhos nascidos vivos por mulher segundo o grupo etário e meio de residência, 2001
- B.2 Número médio de filhos nascidos vivos por mulher segundo o nível de instrução, 2001
- B.3 Número médio de filhos nascidos vivos por mulher segundo a actividade económica, 2001
- B.4 Número médio de filhos nascidos vivos por mulher segundo o estado civil, 2001

- C.1 Evolução da taxa de fecundidade por idade nos últimos dez anos, 1991-2001

- D.1 Percentagem de mulheres dos 50-59 anos sem filhos por meio de residência e distritos, 2001
- D.2 Percentagem de mulheres dos 50-59 anos sem filhos nascidos vivos por distritos e região, 2001

- D.3 Percentagem de mulheres casadas e em união-de-facto dos 50-59 anos sem filhos nascidos vivos por meio de residência e distritos, 2001
- D.4 Percentagem de mulheres casadas e em união-de-facto dos 50-59 anos sem filhos nascidos vivos por distritos e região, 2001

MORTALIDADE:

Tabelas

- A.1 Evolução dos principais indicadores de mortalidade por sexo, 1940/2001
- A.2 Principais índices de mortalidade por sexo, segundo o meio de residência, 2001
- A.3 Taxa bruta de mortalidade por sexo, segundo o meio de residência, 1991/2001
- A.4 Taxa de mortalidade infantil por sexo, segundo o meio de residência, 1991/2001
- A.5 Tábua abreviada de mortalidade para ambos sexos, 2001
- A.6 Tábua abreviada de mortalidade para o sexo masculino, 2001
- A.7 Tábua abreviada de mortalidade para o sexo feminino, 2001

Gráficos

- A.1 Evolução da taxa bruta de mortalidade e taxa de mortalidade infantil, 1940-2001
- A.2 Comportamento da taxa bruta de mortalidade por sexo e meio de residência, 2001
- A.3 Comportamento da taxa de mortalidade infantil por sexo e meio de residência, 2001

SIGLAS UTILIZADAS E CONTACTO

D50	Descendência final
E^ox	Esperança de vida à nascença
H	Homem
IMP	Idade Média de Procriação
INE	Instituto Nacional de Estatística
ISF	Índice Sintético de Fecundidade
M	Mulher
P	Paridade média
PAS	Population Analysis Spreadsheets
RGPH-2001	Recenseamento Geral da População e da Habitação de 2001
RM	Relação de Masculinidade
STP	S. Tomé e Príncipe
TBM	Taxa Bruta de Mortalidade
TBN	Taxa Bruta de Natalidade
TBR	Taxa Bruta de Reprodução
TEF	Taxa Específica de Fecundidade
TGF	Taxa Global de Fecundidade
TME	Taxa de Mortalidade Específica
TMI	Taxa de Mortalidade Infantil

INTRODUÇÃO

O terceiro recenseamento geral da população e da habitação, realizado em Agosto de 2001, em todo o território nacional, constituiu uma das operações estatísticas de grande envergadura, que visava, sobretudo, proceder à inventariação exaustiva da população por sexo, idade, nacionalidade, e segundo as suas características económicas, culturais e sociais.

Tendo em conta os objectivos do censo 2001, a fecundidade e a mortalidade em S. Tomé e Príncipe consideram-se entre as grandes variáveis a serem avaliadas e analisadas, variáveis essas que são na maioria das vezes de natureza quantitativa, isto é, expressa em números.

Os dados sobre a fecundidade e mortalidade foram obtidos através de algumas questões inseridas no questionário dirigido a pessoas do sexo feminino com 12 e mais anos e ao agregado familiar. As questões introduzidas foram as seguintes:

- “*Quantos filhos nascidos vivos teve?*”, que permite estudar a fecundidade passada ou retrospectiva através da paridade média e descendência final;
- “*Quantos filhos nascidos vivos teve, nos últimos 12 meses?*”, ou seja, no período de um ano. Com as respostas a esta pergunta, espera-se proceder à estimação da fecundidade actual;
- “*Quantos filhos tem actualmente vivos, vivendo ou não no seu agregado familiar?*”, que, embora faça parte das questões inseridas no capítulo de fecundidade, as respectivas respostas não são consideradas no âmbito dos cálculos dos indicadores de fecundidade, mas, sim, destinam-se à estimação da mortalidade.
- “*Número de óbitos ocorridos nos últimos 12 meses*”, ou seja, no período de um ano, no agregado familiar, para determinar o índice de mortalidade geral e infantil.

O presente relatório incide sobre a dinâmica da população de S. Tomé e Príncipe, a partir dos dados sobre a fecundidade e a mortalidade. O documento está estruturado em três partes distintas: a primeira parte é dedicada à “*Fecundidade*”; na segunda parte são abordadas questões que têm a ver com a “*Mortalidade*”; e, finalmente, a terceira parte apresenta a “*Conclusão geral*” relativamente ao comportamento dessas duas componentes que influenciam directamente o crescimento demográfico.

A abordagem das variáveis consideradas não será muito desagregada, tendo em conta a natureza da mesma, sendo basicamente analisadas a nível nacional e por meio de residência (urbano e rural). Todavia, para alguns dos casos, na medida do possível, a análise será mais abrangente, estendendo-se mesmo a nível dos distritos e da Região Autónoma do Príncipe.

Esta publicação constitui uma parte do conjunto dos produtos censitários inseridos no programa de disseminação dos resultados do censo 2001, composto de 12 temas de análise de dados.

O INE espera que esta obra possa ser de interesse para os potenciais utentes da informação estatística e agradece antecipadamente pelos eventuais comentários e sugestões, com vista a melhorar as futuras publicações de género.

PARTE I:

FECUNDIDADE EM S. TOMÉ E PRÍNCIPE

CONTEXTO SOCIO-ECONÓMICO E DEMOGRAFICO

A fecundidade é a mais importante componente da dinâmica demográfica, representando parte dos ingressos à população, ou seja, que está associada à procriação humana, em termos do número efectivo de filhos em relação às mulheres em idade reprodutiva, actuando directamente no processo de crescimento natural da população.

Geralmente, os grupos sociais mais vulneráveis (mais pobres e menos instruídos) apresentam níveis de fecundidade bastante elevados, face aos grupos mais privilegiados, sobretudo os mais escolarizados e com rendimentos superiores. Por outro lado, os valores culturais, o comportamento e as atitudes do homem têm uma influência bastante directa na fecundidade, significando que a análise deste fenómeno em S. Tomé e Príncipe deve ser acompanhada do conhecimento dos aspectos sócio-culturais do seu povo.

No contexto económico e social, a fecundidade em S. Tomé e Príncipe, como em outras partes do mundo, está intimamente relacionada com a ocupação, as atitudes sócio-culturais das mulheres, ou seja, há uma relação de causa e efeito entre o trabalho e o comportamento das mulheres e o número de filhos. A própria situação económica dos agregados familiares e da mulher, o estatuto económico também desempenha papel importante no nível de fecundidade.

Actualmente, com a introdução do programa de saúde reprodutiva no país, são evidentes os seus efeitos na mudança de comportamento e atitudes da população, contrariando o provérbio "os filhos são a riqueza dos pobres", tendo em conta a tomada de consciência de que ter muitos filhos não significa riqueza, mas sim, traz consigo outras implicações, nomeadamente ao nível dos recursos económicos necessários para a educação, saúde e bem estar geral das crianças.

Para o estudo da fecundidade, as variáveis são, na maioria das vezes, de natureza quantitativa. No RGPH-2001 os dados sobre a fecundidade foram obtidos através de questões inseridas no questionário do agregado familiar dirigidas a pessoas do sexo feminino com 12 e mais anos de idade. Foram introduzidas as seguintes questões:

- "*Quantos filhos nascidos vivos teve?*", o que permite estudar a fecundidade passada ou retrospectiva através da paridade média e da descendência final;
- "*Quantos filhos nascidos vivos teve, nos últimos 12 meses?*", ou seja, no período de um ano. Espera-se com respostas a estas perguntas proceder à estimação da fecundidade actual e da natalidade;

Objectivos do estudo

O presente estudo visa fazer uma primeira análise sobre a fecundidade das mulheres santomenses a partir dos dados do censo de 2001, comparando os seus resultados com os de outras operações censitárias realizadas nos últimos 20 anos. Pretende-se conhecer os níveis e tendências da fecundidade e seguir a sua evolução no tempo.

Método de análise e conteúdo do estudo

A ausência de estatísticas vitais (Registo Civil) não nos permite utilizar os métodos clássicos de análise demográfica para medir o calendário e a intensidade da fecundidade do país. Com efeito, para a análise deste fenómeno recorreu-se a métodos indirectos de cálculos,

considerando as declarações das mulheres em idade fértil, a propósito do número total dos filhos nascidos vivos durante toda a sua vida, e dos filhos nascidos vivos os últimos 12 meses, que precederam a operação censitária de 2001.

Os instrumentos utilizados para os respectivos cálculos foram a folha de cálculo do "Excel" e o software próprio para cálculos demográficos, nomeadamente, a "PAS" – Population Analysis Spreadsheets, desenvolvido pelo Bureau dos Censos dos Estados Unidos de América.

A caracterização da fecundidade é feita de acordo com as influências provenientes de diferentes variáveis, com destaque para o nível de instrução, o meio de residência, o tipo de actividade económica e o estado civil das mulheres.

CONCEITOS E INDICADORES UTILIZADOS

Em qualquer estudo, as definições constituem tópicos fundamentais, tanto para a análise como para os utilizadores, permitindo fazer uma melhor leitura comparativa dos dados que se apresentam, facilitando a compreensão das informações que se possam construir e/ou deduzir. Para o efeito da análise da fecundidade em S. Tomé e Príncipe com base no censo 2001, consideram-se os seguintes conceitos e definições:

- "**Filhos nascidos vivos**" é o número total de filhos, nascidos vivos, que uma mulher teve durante a sua vida reprodutiva, quer estejam ou não vivos, presentes ou não no momento da recolha, vivam ou não no agregado familiar.
- "**Filhos actualmente vivos**", é o número total de filhos que actualmente estão vivos, independentemente de estarem ou não fisicamente presentes no momento da recolha, vivam ou não no agregado.
- "**Filhos nascidos vivos nos últimos 12 meses**", é o número total de filhos nascidos vivos nos 12 meses imediatamente anterior à operação censitária.

A "**natalidade**" e a "**fecundidade**" aparecem muitas vezes empregues como sendo palavras sinónimas quando, na verdade, têm significados completamente diferentes.

- "**Natalidade**" diz respeito aos nascimentos que ocorrem no seio duma população de um determinado país.
- "**Fecundidade**" é o resultado da fertilidade, ou seja, da aptidão para a procriação, e que diz respeito aos nascimentos que ocorrem num subconjunto específico duma população (as mulheres em idade de procriar, 15-49 anos). Estuda, portanto, os fenómenos quantitativos directamente relacionados com a procriação ou reprodução humana numa determinada população ou sub-população.
- "**Reprodução**" refere-se a capacidade de procriação.
- "**Fecundidade diferencial**" refere-se à fecundidade relativa a distintos subgrupos de uma população.
- "**Paridade média**" é o número de filhos tidos por uma mesma mulher. Relação entre o número de filhos tidos ou nascidos vivos (podendo incluir os nados mortos) e as mulheres num determinado grupo etário, sobretudo em idade fértil (15-49 anos).

De entre os principais indicadores de fecundidade destacam-se:

“**Número médio de filhos nascidos vivos por mulher – Paridade média**” é o quociente entre o número de nados vivos e o de mulheres dum determinado grupo etário: $\frac{\text{Número Médio de Filhos}}{\text{Número de mulheres}}$

“**Descendência final (D50)**” corresponde ao número médio de filhos nascidos vivos esperados aos 50 anos. Calcula-se como semi-soma do número médio de filhos nos grupos dos 45-49 e 50-54 anos: $D50 = (\text{Número médio de filhos aos 45-49 anos} + \text{Número médio de filhos aos 50-54 anos})/2$

“**Taxa bruta de natalidade (TBN)**” mede o número de nascimentos por 1000 habitantes dum país no decurso de um ano, isto é, o quociente entre os nascimentos anuais e a população média do país: $TBN = (\text{Total de nascimentos}/\text{Total de habitantes}) * 1000$

“**Taxa global de fecundidade (TGF)**” mede o número anual médio de nados vivos por 1000 mulheres em idade de procriar (15-49 anos): $TGF = (\text{Total de nados vivos nas mulheres de 15-49 anos}/\text{Total de mulheres dos 15-49 anos}) * 1000$

“**Taxa específica de fecundidade (TEF)**” diz respeito ao quociente entre o número de nados vivos e o número de mulheres em cada grupo etário: $TEF = \frac{n_i}{N_i}$ “em que n_i representa o número de nados vivos no grupo etário i e N_i representa o número de mulheres no mesmo grupo etário. O i representa os grupos etários quinquenais dos 15-19 anos até aos 45-49 anos”.

“**Índice sintético de fecundidade (ISF)**” designa o número anual médio de nados vivos que uma mulher teria ao fim da sua vida reprodutiva se fosse submetida a cada idade a lei da fecundidade (taxa) observada em cada geração no momento de recenseamento:

$X=45$ “em que st_x representa o número médio de filhos (taxa) por cada grupo etário dos 15-49 anos, ou seja, idade de x a $x+5$, referentes aos nascimentos durante um ano”
 $ISF=5 * \sum_{x=15}^{45} st_x$
 $X=15$

“**Taxa bruta de reprodução (TBR)**” designa o número médio de filhas nascidas vivas que uma mulher teria ao longo da sua vida reprodutiva, na ausência da mortalidade, mantida a taxa de fecundidade observada no momento: $TBR = ISF * 0,488$ “em que $0,488$ é a taxa de fecundidade padronizada internacionalmente $100/(100+105)$ ”.

“**Relação de masculinidade dos nascimentos vivos (RM)**” mede o número de nascimentos vivos do sexo masculino por 100 nascimentos vivos do sexo feminino: $RM = (\text{Total de nados vivos masculino}/\text{Total de nados vivos feminino}) * 100$.

A. NÍVEL E ESTRUTURA DA FECUNDIDADE

O presente capítulo é consagrado à análise segundo o nível e estrutura da fecundidade. A análise abarcará também a fecundidade passada e actual.

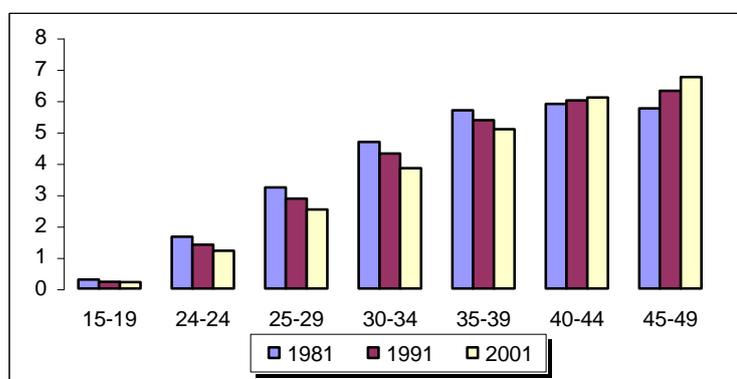
A.1. FECUNDIDADE PASSADA

1.1. Paridade média

A fecundidade passada ou retrospectiva é calculada através do número de crianças nascidas vivas em relação ao número de mulheres em idade de procriar, designado por paridade média de uma mulher. Observando a tabela A.1, nota-se que o número médio de filhos por mulher dos 15 a 49 anos nestes últimos 20 anos está em diminuição ligeira, ou seja, apresenta um nível bastante equilibrado.

Idade	1981	1991	2001
15-19	0,287	0,217	0,209
20-24	1,651	1,402	1,207
25-29	3,222	2,868	2,521
30-34	4,669	4,307	3,840
35-39	5,683	5,366	5,081
40-44	5,886	5,997	6,093
45-49	5,746	6,306	6,745
15-49	2,985	2,815	2,651

Gráfico A.1 Evolução da paridade média por idade das mães, 1981-1991-2001

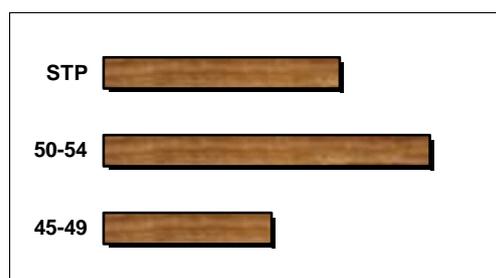


A análise horizontal dos dados, segundo o grupo etário das mulheres, de acordo com a tabela e o gráfico A.1, permite-nos destacar duas diferentes etapas de evolução, nomeadamente, uma tendência decrescente do número médio de filhos por mulher nos grupos dos 15-19 à 35-39 anos, o que é bastante visível no gráfico, enquanto que, as mulheres mais idosas, ou seja, as do grupo dos 40-44 e 45-49 apresentam uma situação inversa, o que pode significar uma tendência para a diminuição da fecundidade em S. Tomé e Príncipe.

1.2. Descendência final

A descendência final das mulheres, que corresponde à paridade média nas idades compreendidas entre os 45-49 e os 50-54 anos em 2001, apresentado no gráfico A.2, foi de 6,9 filhos nascidos vivos para as mulheres dos 45 à 54 anos, observando--se que foi de 6,7 para as dos 45-49 anos e 7,1 para as dos 50-54 anos.

Gráfico A.2 Descendência final em 2001



A.2. NATALIDADE E FECUNDIDADE ACTUAL

2.1. Natalidade

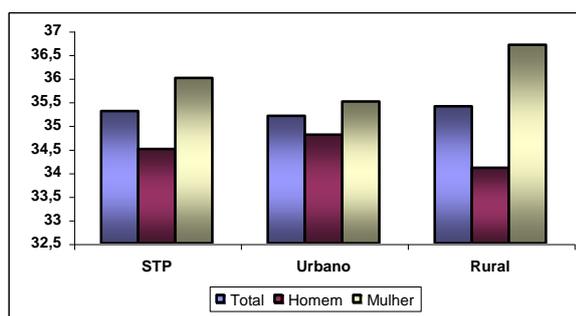
Geralmente, ao iniciar um estudo sobre a fecundidade, a taxa bruta de natalidade (TBN) é o primeiro indicador que se calcula, no intuito de dar uma visão global deste fenómeno demográfico. Ela é um indicador conjuntural que representa o número médio anual de nascimentos vivos por mil habitantes, no período de um ano.

Foi estimado para o ano de 2001 uma taxa bruta de natalidade na ordem dos 35,3 filhos por mil habitantes à nível nacional, conforme ilustra a tabela A.2 e o respectivo gráfico A.3, sendo 34,5‰ do sexo masculino contra os 36‰ do sexo feminino. É notório que durante este período o nascimento de raparigas superou o de rapazes. Se tivermos em conta a análise comparativa entre os dois meios de residência, a situação é semelhante tanto no meio urbano (35,2‰) como no meio rural (35,4‰).

De acordo com a classificação de algumas taxas de natalidade, na América Latina e noutras parte do mundo, estabelecida pelo cientista J.M.Guzman em 1973¹, a natalidade em S. Tomé e Príncipe situa-se no nível intermédio alto, ou seja, relativamente alto, não obstante ter-se diminuído em relação ao censo de 1991.

Meio de Res.	Total	Homem	Mulher
STP	35,3	34,5	36,0
Urbano	35,2	34,8	35,5
Rural	35,4	34,1	36,7
Água Grande	34,6	34,2	35,0
Mé-Zóchi	33,6	33,5	33,6
Cantagalo	39,0	36,1	42,0
Caué	32,4	31,7	33,0
Lembà	35,7	37,0	34,4
Lobata	37,9	36,4	39,6
Príncipe	38,4	33,0	44,1

Gráfico A.3 Taxa bruta de natalidade por sexo e meio de residência, 2001



A tabela A.2 permite-nos analisar também a natalidade segundo a divisão administrativa do país, verificando-se uma taxa bruta de natalidade mais elevada no distrito de Cantagalo, seguido da Região Autónoma do Príncipe, com 39 e 38,4 nados vivos por mil habitantes respectivamente. Entretanto, com uma taxa mais baixa está o distrito de Caué (32,4‰), resultado curioso tendo em conta que esta parcela do território nacional apresenta uma situação mais degradada a todos os níveis, podendo-se admitir a hipótese de que neste distrito continua a persistir o comportamento ligado à tradição cultural, com base no entendimento de que “os filhos são a riqueza dos pobres”.

Na análise da natalidade por sexo, a nível dos distritos e da Região Autónoma do Príncipe, nota-se predominância de nascimentos do sexo feminino em quase todas as áreas administrativas, excepto no distrito de Lembá, onde se registou o nascimento de mais rapazes (37‰) do que de raparigas (34,4‰). Com um índice mais elevado de nascimento de raparigas estão a Região Autónoma do Príncipe (44,1‰) e o distrito de Cantagalo (42‰).

Comparando a taxa de natalidade de 1991 com a de 2001, constata-se um decréscimo considerável, de 39,8 nascimentos vivos por mil habitantes em 1991 para 34,4‰ dez anos mais tarde, significando uma redução de 13,6%.

2.2. Fecundidade actual (Nível e Estrutura)

A análise do nível de fecundidade actual será feita através de diversos indicadores, a saber: Índice Sintético de Fecundidade (ISF); Taxa Global de Fecundidade (TGF); Taxa de Fecundidade Específica (TFE); Taxa Bruta de Reprodução (TBR); Paridade Média (P).

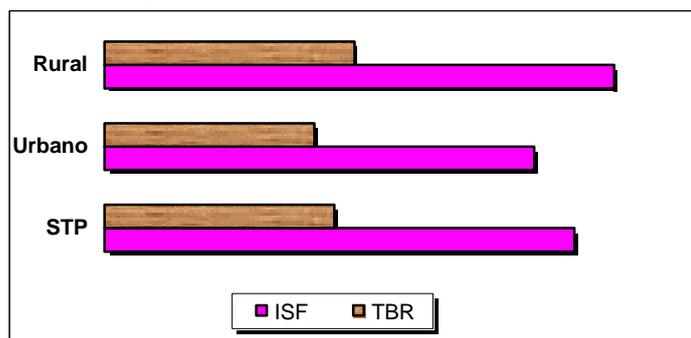
¹ Direcção Geral de Estatística, Situação Demográfica de Cabo Verde 1994, Praia, 1995. Classificação do nível de natalidade segundo GUZMAN : (i) Menos de 25 por mil = Natalidade Baixa ; (ii) 25-35 por mil = Natalidade intermédia-alta ; e, (iii) Mais de 35 por mil é considerada « Natalidade Alta e Muito Alta ».

A tabela A.3 e o gráfico A.4 mostram que o índice sintético de fecundidade das mulheres santomenses em 2001 foi de 4,7 filhos por mulher. Esta fecundidade corresponde a uma taxa bruta de reprodução de 2,3 filhas por mulher.

O índice sintético de fecundidade é sensivelmente mais elevado no meio rural (5,1) que no meio urbano (4,3). Este nível mais baixo verificado no meio urbano justifica-se pelas melhorias introduzidas no sector de saúde, sobretudo, com a implementação do programa de saúde reprodutiva e sexualidade e a instalação de centros de saúde nas principais cidades e vilas. De igual modo, a taxa bruta de reprodução é ligeiramente mais baixo no meio rural (2,1) que no meio urbano (2,5), mas estes valores são relativamente equilibrados.

M.Res./Dist.	ISF	TBR
Total	4,7	2,3
Urbano	4,3	2,1
Rural	5,1	2,5
Água Grande	4,1	2,0
Mé-Zóchi	4,7	2,3
Cantagalo	5,6	2,7
Caué	5,1	2,5
Lembà	5,0	2,4
Lobata	5,5	2,7
Príncipe	5,3	2,6

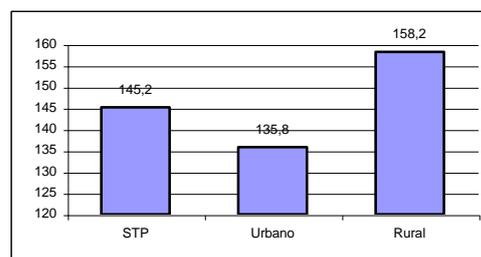
Gráfico A.4 Índice sintético de fecundidade (ISF) e Taxa bruta de reprodução (TBR) por meio de residência, 2001



Continuando a análise da fecundidade tendo em conta o ISF e a TBR, segundo a divisão administrativa do país (tabela A.3), constata-se que apenas os distritos de Água Grande e Mé-Zóchi apresentam o índice sintético de fecundidade inferior a 5,0. Nos restantes distritos e na Região Autónoma do Príncipe, com valor superior ou igual à 5,0, destacaram-se Cantagalo e Lobata com os maiores índices do país. A taxa bruta de reprodução apresenta a mesma variação territorial do índice sintético de fecundidade.

Ilustrando a fecundidade através da taxa global da fecundidade, o gráfico A.5 mostra que a nível nacional o valor foi de 145,2 filhos por mil mulheres em idade reprodutiva, tendo nascido, como é óbvio, mais nados vivos no meio rural (158 por mil mulheres) do que no meio urbano (136 por mil mulheres). Confirmando-se a fiabilidade destes dados, a diferença é, em média, de 22 nados vivos a mais para cada mil mulheres no rural do que no urbano.

Gráfico A.5 Taxa global de fecundidade por meio de residência, 2001



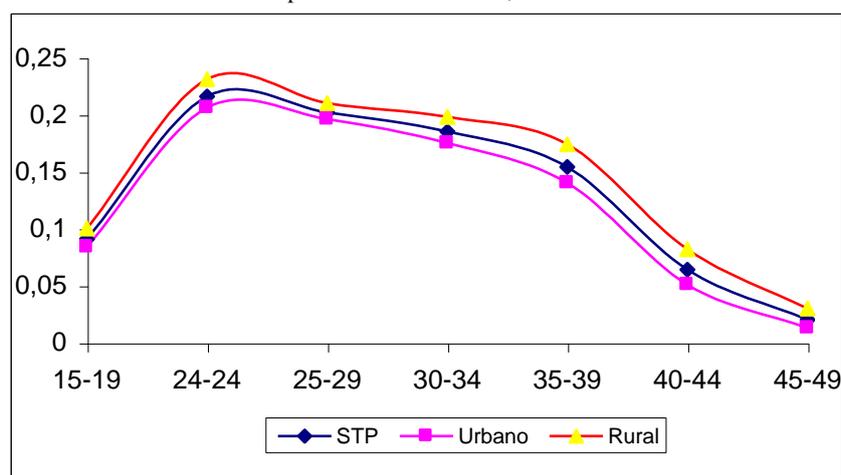
A tabela A.4 ilustra como comporta a fecundidade geral e a taxa de fecundidade por idade, a nível nacional e segundo o meio de residência e a divisão administrativa. De uma maneira geral, a fecundidade actual é mais elevado nas mulheres dos 20 a 34 anos, com destaque para as dos 20 a 24 anos e 25-29 anos. Há, portanto, uma concentração das taxas de fecundidade entre os 20 e 34 anos de idade, constatando-se uma maior redução deste indicador nas mulheres de idade mais avançada. Também o gráfico A2.3 mostra a variação deste indicador no país e por meio de residência.

Idade das Mães	STP	Meio de Residência		Distritos						Região do Príncipe
		Urbano	Rural	Água Grande	Mé-Zóchi	Cantagalo	Caué	Lembá	Lobata	
15-19	0,091	0,084	0,100	0,075	0,086	0,100	0,078	0,137	0,116	0,137
20-24	0,216	0,206	0,231	0,195	0,210	0,277	0,226	0,235	0,238	0,270
25-29	0,202	0,196	0,210	0,186	0,175	0,262	0,199	0,206	0,258	0,237
30-34	0,185	0,175	0,198	0,173	0,184	0,198	0,232	0,173	0,211	0,196
35-39	0,154	0,140	0,174	0,136	0,173	0,166	0,162	0,177	0,159	0,155
40-44	0,064	0,051	0,082	0,045	0,081	0,097	0,077	0,051	0,086	0,054
45-49	0,020	0,013	0,030	0,008	0,027	0,027	0,053	0,028	0,031	0,011
TGFG	0,145	0,136	0,158	0,128	0,143	0,176	0,153	0,163	0,171	0,170
IMP	29,5	29,2	29,8	29,1	30,2	29,5	30,5	28,9	29,5	28,3

IMP = Idade Média de Procriação

A curva apresentada no gráfico A.6 confirma o que atrás se disse, sendo de destacar que o padrão da fecundidade por idade da mulher apresenta o mesmo comportamento segundo o meio de residência, evidenciando uma semelhança no calendário reprodutivo. Comparando os resultados registados no ponto máximo atingido pelas curvas segundo o meio de residência, verifica-se uma diferença ínfima de mais 25 filhos por mil mulheres no meio rural.

Gráfico A.6 Variação da taxa específica da fecundidade por meio de residência, 2001



Ainda com relação à anterior tabela, da análise comparativa entre os distritos e a Região Autónoma do Príncipe, dá-se conta de que o nível de comportamento é similar ao do país e, consequentemente, do meio de residência, cuja taxa específica da fecundidade atinge o seu ponto máximo sempre no grupo das mulheres dos 20 a 34 anos de idade. No que diz respeito ao nível da taxa global de fecundidade, o distrito de Cantagalo, Lobata e a Região Autónoma do Príncipe apresentam um índice que se situa entre os 170 a 176 nados vivos por mil mulheres dos 15 a 49 anos de idade, enquanto que o país no seu todo atinge os 145, estando o distrito de Água Grande com um valor relativamente inferior (128).

Relativamente à idade média de procriação, é de 29,5 anos em todo o país, registando-se praticamente o mesmo nível nos meios de residência, enquanto que, a nível da divisão administrativa, a Região Autónoma do Príncipe apresenta uma idade média de 28,3 contra os 30 dos distritos de Caué e Mé-Zóchi.

B. FECUNDIDADE E FACTORES SÓCIO-ECONÓMICOS

O nível da fecundidade de S. Tomé e Príncipe, visto apenas a nível nacional, pode ocultar disparidades importantes entre diferentes camadas sociais da população em matéria de procriação, pois ela depende de diversas variáveis independentes e intermediárias, com destaque para a ocupação, a urbanização, o nível de instrução e o estado civil, entre outras.

A abordagem da fecundidade, que se segue, é feita a partir da paridade média segundo o meio de residência, distrito, nível de instrução, actividade económica e o estado civil.

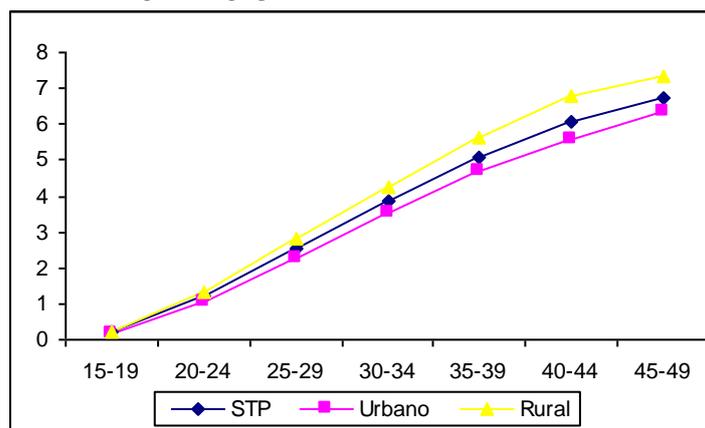
B.1. PARIDADE MÉDIA E MEIO DE RESIDÊNCIA

A tabela B.1 representa o número médio de filhos por grupo etário, segundo o meio de residência e a divisão administrativa. A paridade média para as mulheres de 15 a 49 anos de idade é de 2,6 para conjunto do país, sendo 2,4 filhos no meio urbano e 3 filhos no meio rural. Relativamente à comparação deste indicador entre os distritos e a Região Autónoma do Príncipe, constata-se que 3 distritos apresentam uma paridade média superior a 3 filhos por mulher, com destaque para os distritos de Lembá e Caué (3,3 filhos por mulher).

Idade das Mães	STP	Meio de Residência		Distritos						Região do Príncipe
		Urbano	Rural	Água Grande	Mé-Zóchi	Cantarola	Caué	Lembá	Lobata	
15-19	0,209	0,187	0,239	0,165	0,202	0,290	0,218	0,320	0,240	0,268
20-24	1,207	1,073	1,298	0,963	1,235	1,541	1,593	1,601	1,417	1,516
25-29	2,521	2,286	2,830	2,072	2,570	3,002	3,337	3,102	2,934	2,665
30-34	3,840	3,536	4,252	3,315	3,988	4,304	4,642	4,543	4,236	4,044
35-39	5,081	4,687	5,617	4,396	5,339	5,527	6,000	6,536	5,511	5,277
40-44	6,093	5,578	6,787	5,230	6,503	7,185	7,173	7,138	6,475	6,577
45-49	6,745	6,320	7,340	5,886	7,004	7,792	7,493	8,199	7,300	7,111
15-49	2,651	2,417	2,976	2,232	2,764	3,068	3,309	3,328	2,995	2,815

Observando o gráfico B.1, fica bem evidente que nas áreas rurais a paridade média é superior à das áreas urbanas em todos os grupos etários, em particular no dos mais velhos.

Gráfico B.1 Número médio de filhos nascidos vivos atingidos por mulher segundo o grupo etário e meio de residência, 2001



B.2. PARIDADE MÉDIA E NÍVEL DE INSTRUÇÃO

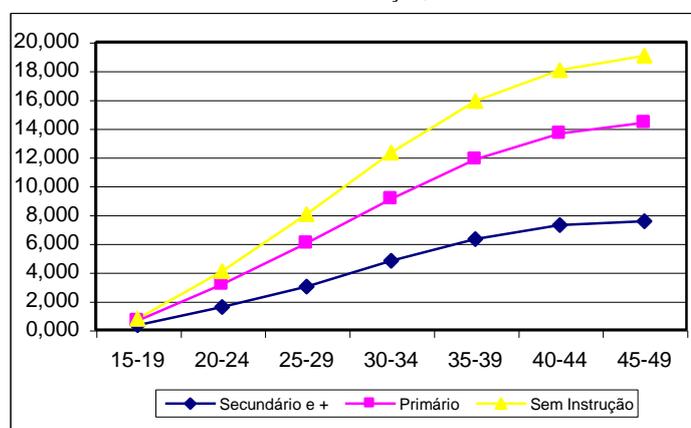
O nível de instrução das mulheres em idade fecunda constitui uma das variáveis que têm influência na fecundidade. Normalmente, as mulheres com um nível de instrução superior têm um maior controlo da natalidade, pelo que, em geral, têm um número médio de filhos

relativamente mais baixo que as mulheres com nível de instrução inferior; ou, melhor dizendo, têm acesso à informação e meios que lhes permite planificar o número de filhos que desejam. O conhecimento e a prática de contracepção estão associados à educação, que influencia também na receptividade das mensagens de medicina preventiva.

A tabela B.2 ilustra a evolução do número médio de filhos por mulher segundo o nível de instrução, onde é evidente a diferença existente entre as mulheres sem nível de instrução (5,3 filhos por mulher) e as que atingiram o nível secundário e mais, com apenas 1,6 filhos. Analisando por grupos etários, constata-se que nas mulheres dos grupos de idade dos 40 a 49 anos a situação é idêntica.

Idade das Mães	Nível de Instrução		
	Sem Instrução	Primário	Secundário e +
15-19	0,314	0,308	0,138
20-24	1,567	1,576	0,911
25-29	2,993	3,004	2,011
30-34	4,789	4,295	3,202
35-39	6,297	5,532	4,055
40-44	7,264	6,367	4,401
45-49	7,541	6,822	4,655
15-49	5,274	3,057	1,645

Gráfico B.2 Número médio de filhos nascidos vivos por mulher segundo o nível de instrução, 2001



É visível no gráfico B.2, produzido com base na tabela B.2, o predomínio dos índices das mulheres analfabetas, ou seja, sem nível de instrução. Mais do que o meio de residência, o nível de instrução permite destacar paridades médias bem diferenciadas em todos os grupos etários, conforme se pode ver no gráfico B.2.8.

B.3. PARIDADE MÉDIA E ACTIVIDADE ECONÓMICA

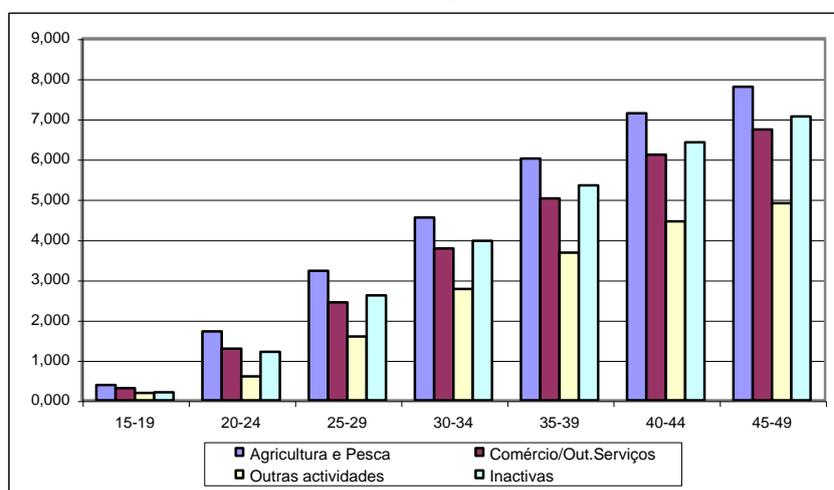
A actividade económica será apreendida pelo estatuto da mulher em função da actividade e ramo de actividade. De acordo com os dados do censo 2001, consideram-se quatro grupos: as agricultoras, as mulheres que não trabalham no sector agrícola, as mulheres trabalhando no comércio e serviços e as inactivas.

A tabela B.3 mostra que a paridade média das mulheres que se dedicam à agricultura é nitidamente superior (4,6 filhos) à das restantes categorias de mulheres, enquanto que as mulheres inactivas apresentam um valor mais baixo (2,2 filhos), o que nos parece um pouco anormal.

Idade das Mães	Actividade			
	Agricultoras	Comércio e Serviços	Outras Actividades	Inactivas
15-19	0,381	0,301	0,186	0,196
20-24	1,712	1,281	0,592	1,205
25-29	3,217	2,434	1,588	2,609
30-34	4,542	3,774	2,765	3,964
35-39	6,011	5,021	3,675	5,347
40-44	7,134	6,106	4,449	6,413
45-49	7,798	6,730	4,900	7,060
15-49	4,600	3,409	2,818	2,166

Ao analisarmos o comportamento da paridade média das mulheres por grupos etários, conforme ilustra o gráfico B.3 construída com base na tabela B.3, constata-se que as mulheres agricultoras continuam a superar as outras em todos os grupos de idade, enquanto que com o nível mais baixo estão as mulheres que se ocupam de outras actividades.

Gráfico B.3 Número médio de filhos nascidos vivos por mulher segundo a actividade económica, 2001



O gráfico B3.9 mostra claramente que existe uma grande diferença de paridade média das mulheres que dedicam a outras actividades em relação às restantes. Se verificarmos o comportamento das mulheres mais idosas, sobretudo, as dos 40-44 e 45-49 anos, cuja paridade média se situa entre 6 a 7 filhos por mulher deste grupo, nota-se uma diferença bastante acentuada (2 a 3 filhos) entre as de categoria de outras actividades face às restantes.

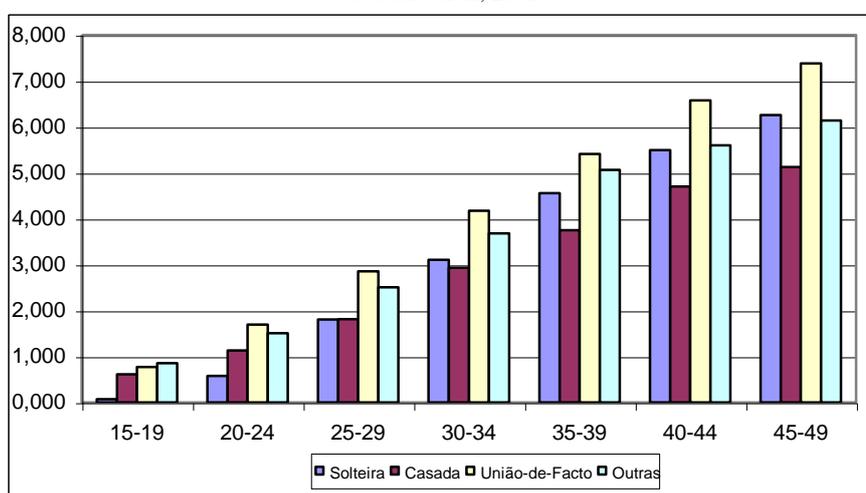
B.4. PARIDADE MÉDIA E ESTADO CIVIL

No que diz respeito à fecundidade segundo o estado civil, o número médio de filhos por mulher dos 15 a 49 anos em situação de união-de-facto, de acordo com a tabela B.4, é o nível mais elevado (3,6 filhos), enquanto que as mulheres solteiras representam um índice extremamente reduzido (1,3 filhos), abaixo da média nacional (50%), o que é normal pelo facto da sua fraca exposição ao risco de concepção.

Idade das Mães	Estado Civil			
	Solteira	Casada	União-Facto	Outras
15-19	0,069	0,609	0,769	0,854
20-24	0,575	1,134	1,694	1,504
25-29	1,803	1,815	2,856	2,504
30-34	3,104	2,930	4,174	3,677
35-39	4,558	3,751	5,409	5,062
40-44	5,491	4,698	6,579	5,599
45-49	6,254	5,124	7,385	6,136
15-49	1,311	3,151	3,671	3,944

Da análise por grupo etário segundo o estado civil das mulheres, gráfico B.4, nota-se que as mulheres casadas representam o nível mais baixo, verificando-se que até ao grupo dos 25-29 anos o valor é superior ou igual ao das mulheres solteiras, enquanto que a partir do grupo dos 30-34 ao dos 45-49 este valor é inferior ao das restantes categorias de mulheres.

Gráfico B.4 Número médio de filhos nascidos vivos por mulher segundo o estado civil, 2001



Por outro lado, o mesmo gráfico B.4, mostra que a paridade média das mulheres em união-de-facto é mais elevada em quase todos os grupos etários, com excepção do dos 15-19 anos. As mulheres solteiras aparecem aí com um nível relativamente alto, equiparado ao da classe de outras (viúvas, separadas e divorciadas), sobretudo, a partir dos grupos de 35-39 a 45-49 anos. Admite-se que declarações pouco exactas sobre o estado civil fornecidas pelas mulheres, poderão estar na base deste nível elevado de paridade média nas mulheres solteiras.

C. TENDÊNCIA DA FECUNDIDADE

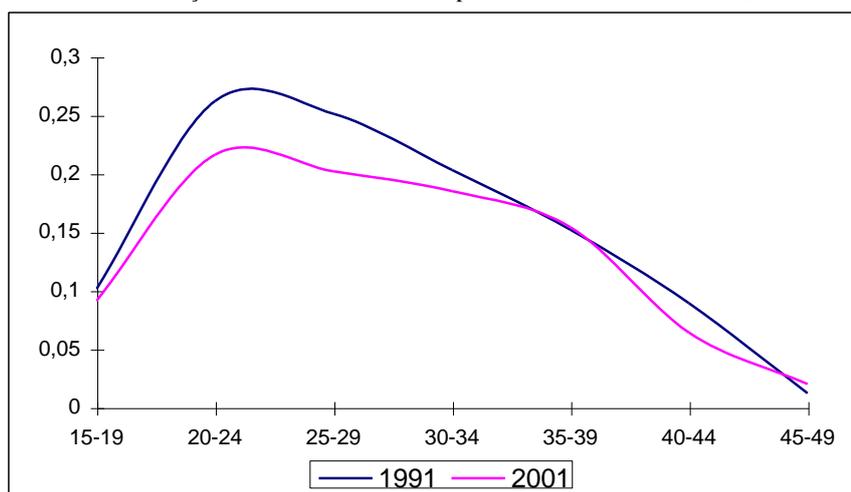
A tendência da fecundidade será analisada através da evolução da taxa de fecundidade por idade nos últimos 10 anos (1991-2001).

A análise da estrutura da fecundidade ao longo dos últimos dez anos permitiu constatar que se registou um declínio de nível de fecundidade de 1991 para 2001, ou seja, passou de 171 para 145, conforme a tabela C.1.

Idade	1991	2001
15-19	0,107	0,091
20-24	0,262	0,216
25-29	0,251	0,202
30-34	0,203	0,185
35-39	0,152	0,154
40-44	0,089	0,064
45-49	0,012	0,020
15-49	0,171	0,145

A leitura do gráfico C.1, leva-nos a confirmar que a fecundidade em S. Tomé e Príncipe está em declínio, o que é nitidamente visível, sobretudo no grupo das mulheres mais jovens, o que indica como está evoluindo as taxas específicas de fecundidade por grupos de idade durante este período.

Gráfico C.1 Evolução da taxa de fecundidade por idade nos últimos 10 anos, 1991-2001



O mesmo gráfico C.1 evidencia bem que a fecundidade é mais elevada nos grupos de mulheres dos 20-24 ao dos 30-34 anos. Por outro lado, ao longo destes últimos dez anos, verifica-se uma tendência decrescente em todos os grupos etários, com exceção do das mulheres mais idosas (45-49 anos), que apresenta uma situação inversa, ou seja, em que se regista um crescimento.

D. NÍVEL E TENDÊNCIA DA INFECUNDIDADE

A análise da tendência da infecundidade é feita com base na distribuição percentual das mulheres, em geral, sem filhos nascidos vivos e também das mulheres casadas e em união-de-facto, em conjunto, que nunca tiveram filhos. Esta análise incidirá, sobretudo, nos grupos de mulheres dos 45 anos e mais.

Com efeito, a tabela D.1 evidencia que em S. Tomé e Príncipe a tendência de infecundidade para as mulheres dos 45 anos e mais não é visível, ou seja, a distribuição percentual das mulheres dos grupos dos 45-49, 50-54 e 55-59 anos, a nível do país e segundo o meio de residência, situa-se entre 2,2% a 4,3%, valores não relevantes para se considerar a infecundidade.

Idade das Mães	Total	Meio de Residência		Distritos						Região Príncipe
		Urbano	Rural	Água Grande	Mé-Zóchi	Cantagalo	Caué	Lembá	Lobata	
15-19	82,8	84,3	80,6	86,1	83,8	77,5	83,0	72,9	79,8	76,7
20-24	31,6	37,0	23,9	40,9	29,9	19,7	19,9	16,6	25,0	15,1
25-29	8,9	11,6	5,5	14,5	7,1	3,0	4,4	1,0	5,9	5,2
30-34	3,4	4,2	2,4	4,4	3,4	1,4	3,3	2,3	1,7	3,8
35-39	2,6	3,0	2,1	3,4	1,9	1,9	1,5	2,1	3,2	1,4
40-44	2,5	2,6	2,3	2,7	2,0	1,2	6,7	1,0	3,0	3,6
45-49	2,4	2,4	2,5	2,4	2,4	1,6	6,7	1,4	2,6	2,2
50-54	2,9	3,4	2,2	3,4	2,2	5,0	3,3	0,0	2,9	3,8
55-59	3,7	4,3	3,1	4,6	3,3	3,3	6,7	0,9	4,2	1,8
15-49	30,7	33,1	27,4	35,1	30,0	25,5	27,1	22,0	27,1	27,1
15-59	28,5	30,8	25,3	32,8	27,6	23,7	25,2	20,3	25,1	25,3

Analisando esta situação, para os grupos etários dos 50-54 e 55-59 anos, por meio de residência, segundo o gráfico D.1, nota-se que o comportamento assemelha-se ao do país, ou seja, as mulheres de 50-54 anos sem filhos apresentam um nível mais baixo do que as de 55-59 anos, tanto no meio urbano, em que o valor é mais elevado, como no rural, que detém um valor bastante ínfimo.

Gráfico D.1 Percentagem de mulheres de 50-59 anos sem filhos por meio de residência, 2001

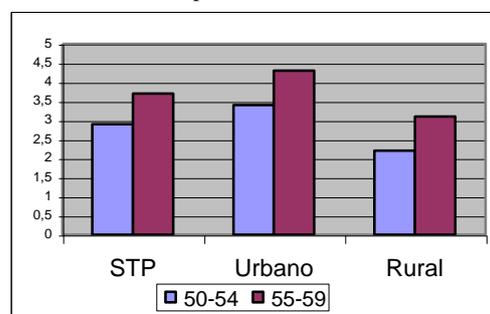
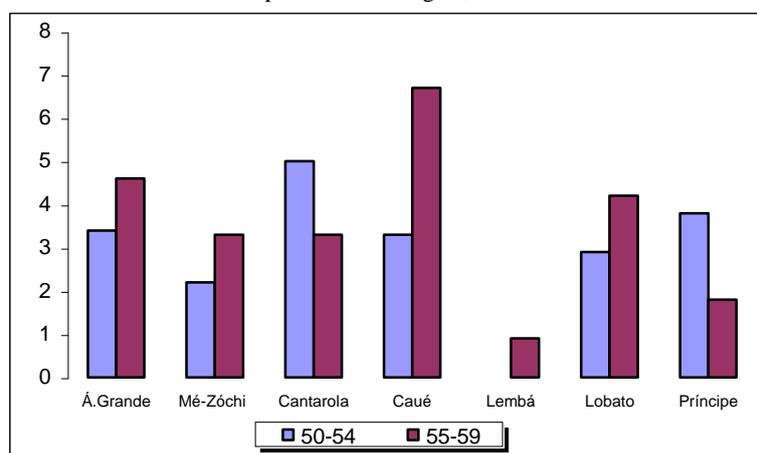


Gráfico D.2 Percentagem de mulheres de 50-59 anos sem filhos nascidos vivos por distritos e região, 2001



Ao nível da divisão administrativa do país (gráfico D.2) a situação é outra, ou seja, as mulheres dos 50-54 anos apresentam um nível mais elevado apenas no distrito de Cantagalo e na Região Autónoma do Príncipe face aos restantes distritos, enquanto que para as dos 55-59 anos o nível é mais baixo nestas mesmas zonas administrativas. As mulheres dos 55-59 sem filhos do distrito de Caué representam o nível mais elevado contra a de Lembá onde o nível é mais baixo.

Uma outra constatação que se poderia fazer a partir do gráfico D.2, reside na diferença bastante acentuada (50%) entre estes dois grupos, mais visível no distrito de Caué e na Região do Príncipe, embora com situações distintas. Enquanto no distrito de Caué as mulheres dos 50-54 anos sem filhos representam a metade das dos 55-59 anos, o inverso regista-se na Região Autónoma do Príncipe.

Passando à análise da tendência da infecundidade das mulheres casadas e em união-de-facto dos grupos dos 50-54 e 55-59 anos, segundo o gráfico D.14, construído a partir da tabela D.2, nota-se que existe uma semelhança em relação às constatações feitas na anterior análise, ou seja, as mulheres dos 50-54 anos têm um peso menor face às de 55-59 anos, que têm no meio urbano o valor mais elevado.

Gráfico D.3 Percentagem de mulheres casadas e em união-de-facto de 50-59 anos sem filhos nascidos vivos por meio de residência, 2001

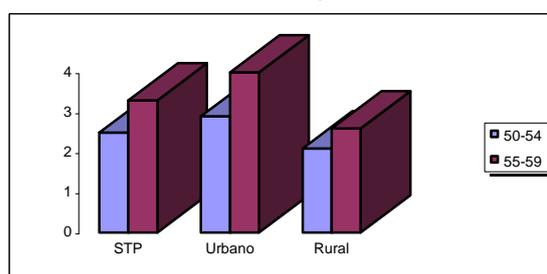
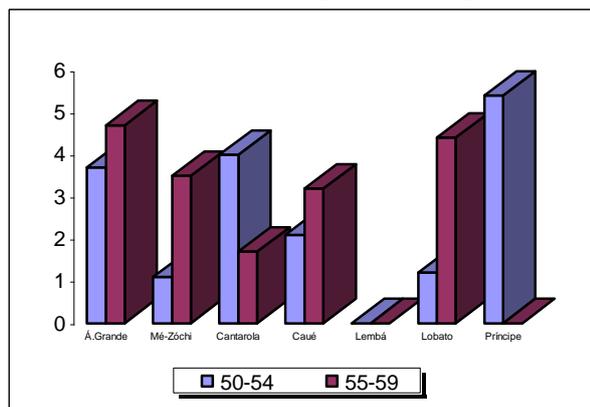


Tabela D.2 Percentagem de mulheres casadas e em união de facto sem filhos nascidos vivos por idade, meio de residência e distritos, 2001

Idade das Mães	Total	Meio de Residência		Distritos						Região Príncipe
		STP	Urbano	Rural	Água Grande	Mé-Zóchi	Cantarola	Caué	Lembá	
15-19	36,6	35,2	38,0	37,1	39,2	32,8	37,3	28,9	37,4	42,1
20-24	9,2	10,8	7,4	12,6	8,8	6,0	6,3	5,5	8,0	5,0
25-29	3,6	4,3	2,7	5,5	3,1	1,5	3,1	0,0	3,1	3,2
30-34	1,6	2,0	1,2	1,5	2,5	1,4	0,9	1,8	0,3	2,2
35-39	1,8	2,1	1,3	2,4	1,1	0,8	1,0	1,6	2,4	0,9
40-44	1,6	1,5	1,8	1,8	1,4	0,5	2,7	1,3	2,0	2,2
45-49	1,9	2,1	1,7	2,3	2,2	0,0	1,6	1,8	1,5	1,4
50-54	2,5	2,9	2,1	3,7	1,1	4,0	2,1	0,0	1,2	5,4
55-59	3,3	4,0	2,6	4,7	3,5	1,7	3,2	0,0	4,4	0,0
15-49	6,9	7,1	6,7	7,6	7,0	5,6	5,9	5,4	7,0	7,9
15-59	6,6	6,8	6,4	7,3	6,6	5,4	5,5	5,0	6,7	7,6

Gráfico D.4 Percentagem de mulheres casadas e em união-de-facto de 50-59 anos sem filhos nascidos vivos por distritos e região, 2001



Entretanto, o comportamento a nível da divisão administrativa do país, segundo o gráfico D.4, apresenta-se com valores bastante irregulares, destacando-se as mulheres dos 50-54 anos na Região Autónoma Príncipe com valor mais elevado contra o nulo registado no distrito de Lembá. Quanto às mulheres dos 55-59 anos, apresentam-se com o nível superior em Água Grande e nulo em Lembá.

PARTE II:

MORTALIDADE EM S. TOMÉ E PRÍNCIPE

CONTEXTO SOCIO-ECONÓMICO E DEMOGRÁFICO

A mortalidade é uma das variáveis do crescimento demográfico que, considerando apenas o crescimento natural, mais rapidamente faz sentir os seus efeitos sobre a evolução quantitativa duma população.

O efeito rápido da variação da mortalidade no crescimento demográfico é bem evidente nos países africanos ao sul do Sahara, onde S. Tomé e Príncipe se insere, pois as taxas de mortalidade começaram a diminuir rápida e sensivelmente nas décadas de 40 e 50 devido à introdução e generalização do uso de novos medicamentos. Esta queda provocou, de imediato, em grande medida o aumento das taxas de crescimento da população, porque a natalidade continuou muito elevado.

A mortalidade também exerce influência na estrutura da população por idade, apesar do seu efeito ser inferior ao da fecundidade, bem como na saúde de uma população, reconhecendo-se, por outro lado, a sua importância como uma variável que afecta a qualidade de vida.

Nesse contexto os principais factores demográficos a considerar são a distribuição por sexo e a estrutura da população por idade, tendo em conta que a taxa bruta de mortalidade influi na proporção da população da terceira idade e na relação de masculinidade, já que actualmente a mortalidade nos homens é geralmente mais elevada do que nas mulheres.

Os factores económicos e sociais que influem nos níveis da mortalidade são muitos e complexos, pois compreendem, por exemplo, a ocupação, o grau de instrução, a qualidade de nutrição, as condições de habitabilidade, o saneamento, os serviços sanitários e médicos e o nível de vida em geral. Em S. Tomé e Príncipe são notórios os efeitos de medidas socio-político-económicas que têm sido tomadas para melhorar a situação prevalecente.

Considerando que esses factores são interdependentes entre si, torna-se difícil fazer uma estimação quantitativa satisfatória da influência de qualquer deles em separado. Com efeito, a saúde de uma pessoa, por exemplo, depende sobremaneira do nível da sua vida, que por sua vez depende em parte do seu grau de instrução e de condições, tais como, o estado do mercado de trabalho e da economia em geral. Os hábitos de higiene pessoal que afectam a saúde são em parte determinados pelo nível de vida e o grau de instrução, mas também podem estar dependentes das tradições culturais do indivíduo e do meio social predominante.

Objectivo do estudo, método de análise e conteúdo do estudo

Objectivo

O presente estudo visa, sobretudo, fazer uma abordagem geral dos níveis de mortalidade em S. Tomé e Príncipe, de acordo com os resultados do recenseamento da população de 2001 em comparação com as outras operações censitárias realizadas no território nacional, por forma a conhecer o grau de evolução dos diferentes indicadores desta componente demográfica.

Método de Análise:

Atendendo que o RGPH-2001 permitiu obter informações sobre o registo de óbitos nos agregados familiares por sexo, idade e principais causas de morte, torna-se possível fazer uma abordagem longitudinal e transversal sobre a mortalidade através das declarações prestadas pelos inquiridos durante a fase de recolha de dados.

Para o efeito, o método de análise dos resultados relativos à mortalidade será numa perspectiva comparativa, relacionando o RGPH-2001 com às outras operações censitárias, sobretudo as mais recentes e, por outro lado, analisar-se-á a mortalidade diferencial, isto é, a nível de meio de residência (urbano e rural) e, se possível, por distritos. Os indicadores serão apresentados por sexo e idade.

CONCEITOS E INDICADORES UTILIZADOS

Principais Conceitos

Denomina-se mortalidade geral o número de óbitos ocorridos numa população, num determinado período.

Entende-se, por esperança de vida, o número médio de anos que restam para viver a um indivíduo que atinja uma idade exacta "x", mantendo-se as condições de mortalidade observadas no momento.

Esperança de vida à nascença, é a duração média de vida de um indivíduo à data do seu nascimento.

Por nado-morto ou flecto-morto deverá entender-se o produto da fecundação cuja morte se tenha verificado anteriormente à expulsão ou extracção completa do corpo da mãe já sem quaisquer sinais de vida.

Entende-se por nado-vivo o produto da fecundação que após a expulsão ou extracção completa do corpo materno e independentemente da duração da gravidez, respira ou manifesta quaisquer outros sinais de vida, tais como pulsações do coração ou do cordão umbilical ou contracções efectivas de qualquer músculo sujeito à acção da vontade, quer o cordão umbilical tenha sido cortado ou não e quer a placenta esteja ou não retida.

Entende-se por óbito o desaparecimento permanente de qualquer sinal de vida ocorrido a qualquer momento, após o nascimento com vida.

Principais Indicadores

Taxa bruta de mortalidade (TBM) que indica quantos óbitos ocorrem em média por cada mil habitantes num período ou ano do calendário. Calcula-se da seguinte forma: $TBM = \frac{D}{N} * 1000$ (Óbitos ocorridos no ano "t") / (População média no ano "t") * 1000.

Taxa de mortalidade infantil (TMI) constitui o total de óbitos de crianças menores de um ano, num determinado lugar e período, por mil nascidos vivos no mesmo período e lugar. É calculada através da fórmula: $TMI = \frac{D}{B} * 1000$ (Óbitos ocorridos no ano "t") / (Total de nascimento no ano "t") * 1000.

Taxa de mortalidade específica (TME) pode ser por idade, sexo, profissão, meio de residência, etc. Exemplificando, a taxa de mortalidade por idade representa a frequência com que ocorrem os óbitos em idade "x" na população com mesma idade, e calcula-se dividindo as mortes ocorridas numa idade "x" num intervalo de tempo específico, geralmente um ano civil, entre a população média dessa idade, conforme a seguinte fórmula: $TME = \frac{D}{N} * 1000$ (Óbitos de pessoas com idade "x" no ano "t") / (População média com idade "x" no ano "t") * 1000.

A. NÍVEIS E TENDÊNCIAS DA MORTALIDADE

Neste capítulo será analisada a evolução da mortalidade ao longo dos últimos 60 anos (1940 a 2001), tendo em conta a mortalidade bruta, a infantil e juvenil, assim como a esperança de vida à nascença. A análise será feita por sexo e área de residência.

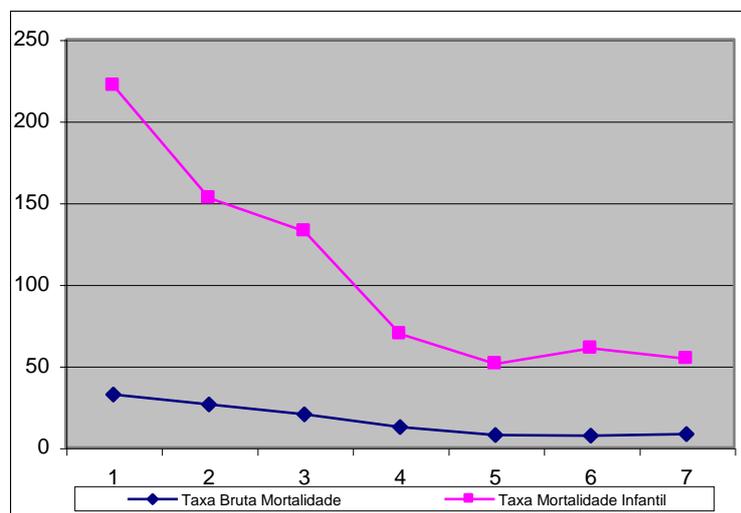
A.1. EVOLUCAO DA MORTALIDADE EM S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Nos últimos 60 anos a mortalidade em S. Tomé e Príncipe conheceu um decréscimo muito acentuado, conforme se pode observar na tabela A.1 e gráfico A.1. Tanto a mortalidade geral como a infantil diminuíram, neste período, quatro vezes, tendo passado de 32,4 para 8,3 por mil e de 221,7 para 54,2 por mil, respectivamente.

Ano	Taxa bruta de mortalidade (‰)			Taxa de mortalidade infantil (‰)			Taxa de mortalidade juvenil (‰)			Esperança de vida ao nascer (anos)		
	Total	H	M	Total	H	M	Total	H	M	Total	H	M
1940	32,4	-	-	221,7	-	-	-	-	-	36,4	-	-
1950	26,3	-	-	152,7	-	-	-	-	-	45,6	-	-
1960	20,4	-	-	132,4	-	-	58,1	-	-	51,6	-	-
1970	12,5	12,8	12,3	69,6	70,2	69,1	40,0	-	-	59,4	-	-
1981	7,7	8,3	7,2	51,2	58,4	44,2	15,6	-	-	63,9	62,5	65,4
1991	7,2	7,7	6,8	60,8	-	-	-	-	-	63,9	62,9	64,9
2001	8,3	9,2	7,5	54,2	50,7	57,6	44,7	53,0	36,3	63,9	61,3	66,5

Relativamente à taxa bruta de mortalidade deve-se ressaltar, que as quedas se fizeram sentir até 1970, na ordem de mais de 5% em cada período (gráfico A.1). A partir de 1981 esta taxa tem-se mantido mais ou menos estável, apesar de se ter observado um ligeiro acréscimo na última década (1991/2001), que se terá devido à deterioração das condições sanitárias no país.

Gráfico A.1 Evolução das taxa bruta de mortalidade e taxa de mortalidade infantil, 1940-2001



Atenção : 1 = 1940; 2 = 1950; 3 = 1960; 4 = 1970; 5 = 1981; 6 = 1991; 7 = 2001

De igual modo, o gráfico anterior demonstra um decréscimo considerável de mortalidade infantil durante estes últimos 60 anos, muito mais acentuado do que o verificado na taxa bruta de mortalidade. É notória uma redução acentuada até 1970, enquanto que, a partir de 1981 este índice mantém-se mais ou menos equilibrado, com ligeiras oscilações entre as décadas. A década em que se registou o nível mais baixo foi a de 1981 com 51,2 por mil.

Como consequência do decréscimo da mortalidade, em particular a infantil, a esperança de vida ao nascer conheceu uma evolução positiva considerável durante os últimos 60 anos, tendo as pessoas actualmente, quase o dobro de anos de esperança de viver quando nascem (36,4 anos em 1940 e 63,9 em 2001). No entanto, desde 1981 que a esperança de vida ao nascer não se altera, o que pode ter a ver com um certo agravamento da mortalidade infantil entre 1981 e 2001. Por outro lado, constata-se que as mulheres vivem mais tempo que os homens, ressaltando que em 2001 apurou-se uma diferença de mais 5,2 anos a favor das mulheres.

Considera-se que a situação de S. Tomé e Príncipe relativamente ao indicador de esperança de vida ao nascer é razoável, tendo em conta que a nível mundial este indicador é, em média, de 64 anos. Nos países em desenvolvimento o nível deste indicador era de 62 anos contra apenas 51 anos registados na África Subsariana, região que apresenta os níveis de mortalidade mais elevados do mundo.¹

O decréscimo observado nas taxas de mortalidade está directamente relacionado com a melhoria do sistema de saúde pública, educação e informação.

A.2. MORTALIDADE ACTUAL

Os valores de mortalidade apresentados na tabela A.2, com excepção da taxa de mortalidade juvenil, demonstram que o meio urbano apresenta níveis mais elevados que o rural. É notório também que os índices registados para as mulheres são nitidamente inferiores do que os apresentados para os homens tanto no meio urbano como rural, e, por isso, a esperança de vida é, entre as mulheres, superior à dos homens 6,5 anos no meio urbano e 3 no meio rural.

	Taxa bruta de mortalidade (%o)		Taxa de mortalidade infantil (%o)		Taxa de mortalidade juvenil (%o)		Esperança de vida ao nascer (anos)	
	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural
Total	9,2	7,2	58,1	49,7	40,1	46,3	61,2	67,7
Homem	10,3	7,8	56,4	44,4	43,4	59,7	58,0	66,3
Mulher	8,2	6,6	59,7	55,2	36,8	32,8	64,5	69,2

2.1 Mortalidade geral

A tabela A.3 permite-nos fazer uma abordagem sobre a taxa bruta de mortalidade por sexo a nível nacional, meio de residência e a nível distrital. Ao longo dos últimos dez anos registou-se um aumento da taxa bruta de mortalidade, passando de 7,2 mortos por mil habitantes em 1991 para os 8,3 óbitos por mil efectivos em 2001.

¹ II Recenseamento Geral da População e Habitação 1997, Indicadores Sócio-Demográficos de Moçambique, INE-Moçambique, Maputo, Setembro, 1999.

Meio de Residência	1991			2001		
	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
Urbano	-	-	-	9,2	10,3	8,2
Rural	-	-	-	7,2	7,8	6,6
Total	7,2	7,7	6,8	8,3	9,2	7,5
Água Grande	9,7	-	-	10,4	11,6	9,3
Mé-Zóchi	8,4	-	-	8,6	10,2	7,1
Cantagalo	9,7	-	-	6,1	6,7	5,5
Caué	7,9	-	-	10,2	9,4	11,0
Lembá	5,9	-	-	4,9	4,9	4,8
Lobata	7,2	-	-	5,5	5,5	5,4
Príncipe	-	-	-	5,0	4,9	5,2

A tabela anterior mostra o comportamento deste índice a nível distrital, podendo-se constatar que os distritos de Água Grande (10,4 por mil), Caué (10,2 por mil) e Mé-Zóchi (8,6 por mil) apresentam níveis mais elevados face à média nacional. Deve-se alertar que os distritos de Água Grande e Mé-Zóchi congregam juntos cerca de 62% do total dos efectivos, enquanto que o de Caué representa apenas 4%, mas, em contrapartida, a situação sócio-económica encontra-se bastante degradada, o que tem posto em causa a saúde das populações nessa parcela do território nacional. Aparece com melhor índice o distrito de Lembá contando apenas 4,9 óbitos por mil habitantes deste distrito.

Gráfico A.2 Comportamento da taxa bruta de mortalidade por sexo e meio de residência, 2001



Sobre o comportamento da taxa bruta de mortalidade por meio de residência, de acordo com o gráfico A.2 e a tabela anterior, confirma-se que o índice é mais elevado para a população urbana, registando-se 10,3 óbitos por mil efectivos do sexo masculino, contra os 8,2 por mil dos sexo feminino. Enquanto que, no meio rural a situação é inversa, com um nível relativamente inferior à média do país, continuando-se a registar, no entanto, o predomínio do sexo masculino com 7,8 por mil, contra os 6,6 por mil para o sexo feminino. As razões destas diferenças foram já apresentadas na análise anterior.

A análise por sexo, segundo a tabela A.3, leva-nos a constatar o predomínio do sexo masculino com índices mais elevados, destacando os dois mais populosos distritos do país, que representam respectivamente 11,6 e 10,2 óbitos por mil habitantes destes distritos, contra os 4,9 verificados no distrito de Lembá e na Região Autónoma do Príncipe. Todavia, no distrito de Caué morrem mais mulheres que homens, sendo 11 óbitos por mil efectivos, contra os 4,8 por mil registados no distrito de Lembá.

O desequilíbrio registado ao nível de meio de residência é motivado, provavelmente, pela ausência de uma política de urbanização, com consequências nefastas para a sociedade, nomeadamente as condições de saneamento de meio e as condições de vida mais precárias que subsistem, sobretudo, nas áreas suburbanas.

2.2 Mortalidade infantil

A taxa de mortalidade infantil (TMI) reflecte o nível sócio-económico das populações de um determinado país e é traduzida pela relação entre o número de óbitos de crianças de menos de 1 ano de idade, verificados no decurso de um certo período, e o número de nados-vivos ocorridos no mesmo período. Esta taxa, em regra geral, é expressa relativamente a 1000 nados-vivos.

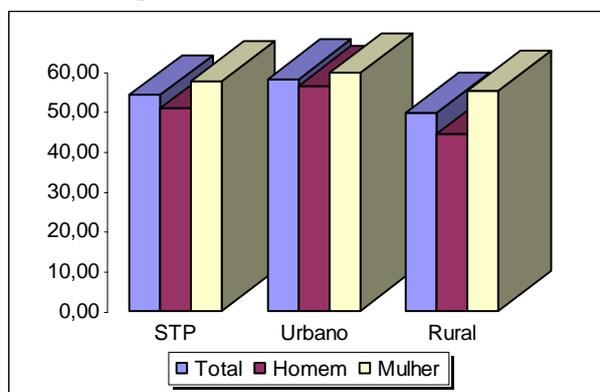
Tabela A.4 Taxa de mortalidade infantil por sexo, segundo o meio de residência, 1991/2001

Meio de residência	1991			2001		
	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
Urbano	-	-	-	58,1	56,4	59,7
Rural	-	-	-	49,7	44,4	55,2
Total	60,8	-	-	54,2	50,7	57,6
Água Grande	68,9	-	-	52,2	48,7	55,6
Mé-Zóchi	50,8	-	-	53,2	48,2	58,4
Cantagalo	64,1	-	-	85,2	117,7	55,4
Caué	69,3	-	-	40,3	39,0	41,8
Lembá	49,1	-	-	40,8	16,1	78,6
Lobata	68,1	-	-	41,8	47,5	36,4
Príncipe	55,9	-	-	87,9	47,8	121,1

Em S. Tomé e Príncipe a mortalidade infantil decresceu nos últimos 10 anos, passando de 60,8 em 1991, para 54,2 por mil em 2001 (tabela A.4), o que significa uma descida notável, fruto de melhorias introduzidas na saúde infantil.

O censo de 2001 mostra que a mortalidade infantil da população feminina é muito superior à da masculina. No atinente ao comportamento deste indicador a nível distrital, constata-se que a Região Autónoma do Príncipe e o distrito de Cantagalo são os únicos que apresentam valores superiores a 80 por mil. Os distritos onde ela é mais baixa são os de Caué, Lembá e Lobata. Este é um dado interessante, pois estes são os distritos mais rurais e apesar disso tem uma mortalidade infantil bastante mais baixa que a dos distritos mais urbanizadas.

Gráfico A.3 Comportamento da taxa de mortalidade infantil por sexo e meio de residência, 2001



De acordo com o gráfico ao lado, denota-se, mais uma vez, que o meio urbano apresenta índices relativamente mais elevados do que o meio rural. Tanto no meio urbano como rural registam-se valores mais elevados para o sexo feminino em relação ao masculino. A taxa de mortalidade infantil relativamente a mulheres no meio urbano atingiu os 59,7 por mil, contra os 56,4 por mil relativamente a homens, enquanto que no meio rural a diferença ainda é mais acentuada (55,2 contra 44,4 por mil).

A.3. ESTRUTURA DA MORTALIDADE

A taxa bruta de mortalidade e a taxa de mortalidade infantil são indicadores insuficientes para um conhecimento efectivo da mortalidade, pelo que a sua análise deve ser complementada com as de estruturas diferenciadas através da construção da tábua abreviada de mortalidade. Esta, enquanto modelo de análise de mortalidade, permite-nos uma abordagem sintética da evolução de uma geração fictícia de indivíduos desde o seu nascimento até a sua extinção.

Para a construção da respectiva tábua abreviada da mortalidade torna-se necessário reunir as três funções básicas, nomeadamente: evolução do número de óbitos por sexo e grupo etário; evolução dos sobreviventes por sexo e grupo etário; e evolução do quociente de mortalidade por sexo e idade.

A esperança de vida à nascença (E^0x) ou vida média da população representa o número médio de anos que um recém-nascido pode esperar viver durante toda a sua vida, ou seja, é a variável síntese que avalia a longevidade da população e permite distinguir diferentes níveis de mortalidade.

Na tabela A.5, que apresenta a "Tábua abreviada da mortalidade para ambos os sexos" em S. Tomé e Príncipe, constata-se que o quociente da mortalidade por sexo varia consoante a idade, atinge o valor máximo "1" na idade de 90 e mais anos, enquanto que o valor mínimo situa-se no grupo etário dos "25-29" com um índice de 0,00862. Por outro lado, a última coluna da mesma tabela mostra que o indicador sobre a esperança de vida ao nascer é mais alto nos primeiros anos de idades.

Tabela A.5 Tábua abreviada de mortalidade para ambos os sexos, 2001						
Idade x	nqx	lx	ndx	nLx	Tx	ex
0	0,05420	100.000	5.420	95.732	6.389.765	63,90
1-4	0,04474	94.580	4.232	368.354	6.294.032	66,55
5-9	0,01743	90.348	1.575	447.805	5.925.678	65,59
10-14	0,01132	88.774	1.005	441.355	5.477.873	61,71
15-19	0,00878	87.768	771	436.915	5.036.518	57,38
20-24	0,01147	86.997	998	432.492	4.599.604	52,87
25-29	0,00862	85.999	741	428.144	4.167.112	48,46
30-34	0,01784	85.258	1.521	422.489	3.738.967	43,85
35-39	0,02380	83.737	1.993	413.703	3.316.478	39,61
40-44	0,02625	81.744	2.146	403.356	2.902.776	35,51
45-49	0,02322	79.598	1.849	393.371	2.499.420	31,40
50-54	0,05709	77.750	4.439	377.652	2.106.049	27,09
55-59	0,05233	73.311	3.837	356.964	1.728.397	23,58
60-64	0,08053	69.474	5.595	333.385	1.371.433	19,74
65-69	0,15645	63.880	9.994	294.412	1.038.048	16,25
70-74	0,18620	53.885	10.033	244.343	743.635	13,80
75-79	0,23038	43.852	10.103	194.003	499.292	11,39
80-84	0,34159	33.749	11.529	139.925	305.289	9,05
85-89	0,47328	22.221	10.517	84.812	165.364	7,44
90+	1,00000	11.704	11.704	80.552	80.552	6,88

Atenção: nqx = Quociente; lx = Sobreviventes; ndx = Óbitos; nLx = Anos vividos;
Tx = Somatórias de anos vividos, e; ex = Esperança de vida à nascença.

Ainda em relação à anterior tabela, a esperança de vida ao nascer apresenta-se mais elevada nos efectivos do grupo etário de "1-4" anos com um valor de 66,55 anos, seguido do grupo dos "5-9" com 65,59 anos e depois vêm as crianças menores de 1 ano que esperam viver mais 63,9 anos.

Através desta tabela, constata-se que a esperança de vida ao nascer dos grupos de "0" a "25-29" anos situa-se entre os valores 45 a 66 anos de longevidade, enquanto que, com um nível intermediário estão os grupos dos "30-34" a "55-59", com os valores que rondam os 20 a 45 anos e, finalmente os grupos de nível inferior a 20 anos que são os mais idosos, ou seja, tem 60 e mais anos.

Comportamento idêntico é evidenciado a nível de cada sexo (tabelas A.6 e A.7), tendo os grupos etários dos 5-9 a 45-49 o quociente da mortalidade mais baixo, enquanto que a esperança de vida ao nascer é superior quanto menos idade tem um indivíduo.

A tábua abreviada da mortalidade para a população masculina permite-nos tirar uma conclusão similar ao anterior, com ligeiras diferenças nos valores dos grupos de idade, destacando-se um índice nitidamente inferior para o sexo feminino e abaixo da média para ambos sexos. De igual modo pode-se distinguir três categorias de grupos, nomeadamente: os de "0" a "30-34" com valores entre os 40 e 63 anos; os de "35-39" a "55-59" entre os 20 e 40 anos; e os mais idosos (60 e mais) com valor inferior a 20 anos.

Idade x	nqx	lx	ndx	nLx	Tx	ex
0	0,05070	100.000	5.070	95.884	6.133.843	61,34
1-4	0,05295	94.930	5.026	368.191	6.037.959	63,60
5-9	0,01911	89.904	1.718	445.223	5.669.768	63,06
10-14	0,01263	88.186	1.114	438.143	5.224.545	59,24
15-19	0,00954	87.072	831	433.282	4.786.402	54,97
20-24	0,01255	86.241	1.082	428.501	4.353.120	50,48
25-29	0,01016	85.159	865	423.631	3.924.619	46,09
30-34	0,02482	84.294	2.092	416.237	3.500.987	41,53
35-39	0,02559	82.201	2.104	405.748	3.084.750	37,53
40-44	0,04093	80.098	3.278	392.293	2.679.002	33,45
45-49	0,02592	76.819	1.991	379.119	2.286.710	29,77
50-54	0,06739	74.828	5.042	361.536	1.907.590	25,49
55-59	0,05601	69.786	3.909	339.158	1.546.054	22,15
60-64	0,10145	65.877	6.683	312.678	1.206.896	18,32
65-69	0,19015	59.194	11.256	267.831	894.218	15,11
70-74	0,19540	47.938	9.367	216.274	626.387	13,07
75-79	0,25338	38.571	9.773	168.423	410.113	10,63
80-84	0,34483	28.798	9.930	119.164	241.690	8,39
85-89	0,51095	18.868	9.640	70.237	122.525	6,49
90+	1,00000	9.227	9.227	52.288	52.288	5,67

Atenção: **nqx** = Quociente; **lx** = Sobreviventes; **ndx** = Óbitos; **nLx** = Anos vividos; **Tx** = Somatórias de anos vividos, e; **ex** = Esperança de vida à nascença.

Entretanto, a tábua para a população feminina apresenta cifras superiores á média de ambos sexos e, sobretudo, a dos homens com maior intensidade e, por outro lado, um comportamento bastante similar às análises anteriores. Existem grupos com valores entre 45 à 69 anos, grupos entre 20 à 45 anos e os inferiores a 20 anos (são os mesmos grupos da tabela A.7 mas com valores diferentes, com excepção dos mais idosos que inicia no 65 e mais anos.)

Idade x	nqx	lx	ndx	nLx	Tx	ex
0	0,05760	100.000	5.760	95.523	6.648.896	66,49
1-4	0,03633	94.240	3.424	368.878	6.553.372	69,54
5-9	0,01567	90.816	1.423	450.524	6.184.495	68,10
10-14	0,00995	89.393	890	444.742	5.733.971	64,14
15-19	0,00801	88.504	709	440.744	5.289.230	59,76
20-24	0,01040	87.794	913	436.688	4.848.485	55,23
25-29	0,00708	86.881	615	432.868	4.411.797	50,78
30-34	0,01120	86.266	966	428.916	3.978.929	46,12
35-39	0,02225	85.300	1.898	421.756	3.550.014	41,62
40-44	0,01352	83.402	1.127	414.194	3.128.257	37,51
45-49	0,02082	82.275	1.713	407.093	2.714.064	32,99
50-54	0,04793	80.562	3.862	393.157	2.306.971	28,64
55-59	0,04911	76.701	3.767	374.085	1.913.814	24,95
60-64	0,06098	72.934	4.447	353.550	1.539.729	21,11
65-69	0,12238	68.486	8.381	321.479	1.186.179	17,32
70-74	0,17782	60.105	10.688	273.806	864.699	14,39
75-79	0,21060	49.417	10.407	221.067	590.894	11,96
80-84	0,33918	39.010	13.231	161.970	369.827	9,48
85-89	0,44619	25.778	11.502	100.136	207.857	8,06
90+	1,00000	14.276	14.276	107.720	107.720	7,55

Atenção: **nqx** = Quociente; **lx** = Sobreviventes; **ndx** = Óbitos; **nLx** = Anos vividos; **Tx** = Somatórias de anos vividos, e; **ex** = Esperança de vida à nascença.

CONCLUSÃO GERAL

Feita a análise da dinâmica da população em S. Tomé e Príncipe, através das duas componentes que têm um peso no crescimento demográfico, nomeadamente a fecundidade e a mortalidade, de acordo com os resultados do terceiro recenseamento da população e da habitação realizada em Agosto de 2001, concluiu-se o seguinte:

- Não obstante persistir um nível de fecundidade ainda elevado, ela está em constante declínio, devido a melhorias introduzidas, sobretudo, nos sectores de saúde e educação, e outras acções com vista a mudança de comportamento e atitudes face a essa situação.
- Que as mulheres com nível de instrução mais elevado apresentam-se com um nível de fecundidade relativamente mais baixo do que as que se encontram em situação de analfabetas, ou seja, quanto maior é o grau de instrução, menor é o número de filhos. Existe uma franja considerável de mulheres com baixo nível de instrução.
- A existência e persistência de elevados índices de mortalidade infantil induzem a uma fecundidade elevada.
- Prevalece ainda o modelo cultural de fecundidade herdado da sociedade tradicional. Há tempos a descendência numerosa era desejada por maior parte de famílias são-tomenses, mas actualmente essa tendência estará a ser posta de parte, tendo em conta o melhoramento do acesso a saúde e educação, sobretudo, para as mulheres em idade de reprodução.
- Os índices de fecundidade são bastantes diferenciados a nível de meios de residência e dos distritos. É notório que a população rural está em desvantagem com valores nitidamente superiores aos da população urbano, o que deve-se considerar normal.

Relativamente ao comportamento dos indicadores de mortalidade, conclui-se o seguinte:

- Tal como fecundidade, o nível dos indicadores da mortalidade continua a ser alto, apesar de se apresentar um nível quase estável ao longo dos últimos tempos.
- Que um dos indicadores mais preocupantes é a mortalidade infantil, tendo em conta que ela ainda não reflecte o que se deseja para o país. Este nível explica-se fundamentalmente pelo facto de se tratar de um país em que a principal causa de mortalidade infantil é o precário estado sócio-económico que se vem deteriorando, e que por sua vez condiciona o estado higiénico ambiental deficiente, a nutrição inadequada e o baixo nível de cultura sanitária, provocando mortes na sua maioria por causas exógenas.
- São visíveis as diferenças existentes entre os distritos e, de igual modo, ao nível dos meios de residência, sobretudo quando se registam no meio rural valores mais baixos do que no urbano.

Em suma, quanto mais educada for a população mais ela adopta melhores métodos de higiene, de nutrição e aceita os métodos de planeamento familiar, de prevenção médica e os cuidados curativos, resultando daí a melhoria da sua saúde, a diminuição das taxas de morbilidade e de mortalidade, especificamente da mortalidade infantil e da fecundidade.

Por outro lado, considerando os valores ainda elevados da fecundidade no país, é importante chamar a atenção de que o maior controlo sobre esta variável demográfica passa pela transformação resultante do desenvolvimento social, com destaque para a melhoria das condições sanitárias, o progresso da educação e da condição feminina, que devem ser acompanhadas de medidas específicas concebidas tendo em conta cada conjunto sociocultural, no âmbito de uma política de população e género.

Face às diferenças registadas segundo o meio de residência, e tendo em conta a ausência de uma política de urbanização, o que levou o Instituto Nacional de Estatística a adoptar um critério para a definição da população urbana e população rural para fins estatísticos, recomenda-se que as autoridades nacionais se providenciem no sentido de se adoptar uma política de urbanização, definindo o que se pode considerar como meio urbano e meio rural. De igual modo, recomenda-se ao governo que defina e adopte uma política de população e género.

BIBLIOGRAFIA

1. Fecundidade, Censo 2000, Instituto Nacional de Estatística, Cabo Verde – Praia, 2003
2. II Recenseamento Geral da População e Habitação 1997, Indicadores Sócio-Demográficos de Moçambique, INE-Moçambique, Maputo, Setembro, 1999
3. Situação Demográfica de Cabo Verde 1994, Direcção Geral de Estatística, Praia, 1995
4. Diagnóstico da Situação da População e Género em S. Tomé e Príncipe, Direcção de Planificação Económica, Volume I – Cap. III “Dinâmica Populacional”, São Tomé, Fevereiro de 2001
5. Análise dos Resultados do II Recenseamento Geral da População e da Habitação de 1991, Direcção de Estatística, Volume I – Cap. II “Movimento Natural e Estado Matrimonial da População”, São Tomé, Março de 1996

ANEXO

TABELAS PARA CÁLCULO DE INDICADORES DE FECUNDIDADE

Fecundidade Actual:

Anexo 01. Componentes da taxa bruta de natalidade por meio de residência e distritos, RGPH-2001

Meio de Res. e Distritos	População			Nascimentos		
	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
STP	137.599	68.236	69.363	4.854	2.355	2.499
Urbano	75.013	36.455	38.558	2.638	1.270	1.368
Rural	62.586	31.781	30.805	2.216	1.085	1.131
Água Grande	51.886	24.963	26.923	1.794	853	941
Mé-Zóchi	35.105	17.359	17.746	1.178	582	596
Cantagalo	13.258	6.683	6.575	517	241	276
Caué	5.501	2.868	2.633	178	91	87
Lembá	10.696	5.519	5.177	382	204	178
Lobata	15.187	7.757	7.430	576	282	294
Reg. Príncipe	5.966	3.087	2.879	229	102	127

Anexo 02. Componentes da fecundidade actual por grupo etário e meio de residência, RGPH-2001

Grupo de Idade e Variável	Total do País	Meio de Residência	
		Urbano	Rural
Número de filhos nascidos vivos nos últimos 12 meses			
15-19	789	432	357
20-24	1551	866	685
25-29	995	548	447
30-34	738	403	335
35-39	549	287	262
40-44	189	86	103
45-49	43	16	27
Número de mulheres			
15-19	8.699	5.115	3.584
20-24	7.173	4.214	2.959
25-29	4.928	2.802	2.126
30-34	3.996	2.300	1.696
35-39	3.556	2.051	1.505
40-44	2.939	1.689	1.250
45-49	2.139	1.248	891

Anexo 03. Componentes da fecundidade actual por grupo etário e distrito e região, RGPH-2001							
Idade e Variável	Distritos						Região do Príncipe
	Água Gr.	Mé-Zóchi	Cantag.	Caué	Lembá	Lobata	
Número de filhos nascidos vivos nos últimos 12 meses							
15-19	278	181	78	23	78	97	54
20-24	599	389	165	50	110	170	68
25-29	370	209	123	36	79	132	46
30-34	282	177	69	35	59	85	31
35-39	203	147	53	22	42	59	23
40-44	55	60	24	8	10	26	6
45-49	7	15	5	4	4	7	1
Número de mulheres							
15-19	3.714	2.111	778	294	569	838	395
20-24	3.075	1.848	595	221	469	713	252
25-29	1.993	1.195	469	181	384	512	194
30-34	1.631	964	349	151	341	402	158
35-39	1.492	852	319	136	237	372	148
40-44	1.233	744	248	104	196	303	111
45-49	877	546	183	75	141	227	90

Fecundidade Retrospectiva:

Anexo 04. Componentes da paridade média por grupo etário e meio de residência, RGPH-2001			
Grupo de Idade e Variável	Total do País	Meio de Residência	
		Urbano	Rural
Número de filhos nascidos vivos			
15-19	1.816	959	857
20-24	8.656	4.520	4.136
25-29	12.422	6.405	6.017
30-34	15.344	8.133	7.211
35-39	18.067	9.613	8.454
40-44	17.906	9.422	8.484
45-49	14.427	7.887	6.540
Total	88.638	46.939	41.699
Número de mulheres			
15-19	8.699	5.115	3.584
20-24	7.173	4.214	2.959
25-29	4.928	2.802	2.126
30-34	3.996	2.300	1.696
35-39	3.556	2.051	1.505
40-44	2.939	1.689	1.250
45-49	2.139	1.248	891
Total	33.430	19.419	14.011

Anexo 05. Componentes da paridade média por grupo etário e distrito e região, RGPH-2001							
Idade e Variável	Distritos						Região do Príncipe
	Água Gr.	Mé-Zóchi	Cantag.	Caué	Lembá	Lobata	
Número de filhos nascidos vivos							
15-19	611	426	226	64	182	201	106
20-24	2.962	2.282	917	352	751	1.010	382
25-29	4.129	3.071	1.408	604	1.191	1.502	517
30-34	5.406	3.844	1.502	701	1.549	1.703	639
35-39	6.559	4.549	1.763	816	1.549	2.050	781
40-44	6.449	4.838	1.782	746	1.399	1.962	730
45-49	5.162	3.824	1.426	562	1.156	1.657	640
Total	31.278	22.834	9.024	3.845	7.777	10.085	3.795
Número de mulheres							
15-19	3.714	2.111	778	294	569	838	395
20-24	3.075	1.848	595	221	469	713	252
25-29	1.993	1.195	469	181	384	512	194
30-34	1.631	964	349	151	341	402	158
35-39	1.492	852	319	136	237	372	148
40-44	1.233	744	248	104	196	303	111
45-49	877	546	183	75	141	227	90
Total	14.015	8.260	2.941	1.162	2.337	3.367	1.348

Anexo 06. Componentes da paridade média por grupo etário e nível de instrução, RGPH-2001			
Grupo de Idade e Variável	Nível de Instrução		
	Sem Instrução	Primário	Secundário e mais
Número de filhos nascidos vivos			
15-19	142	973	701
20-24	652	4.381	3.623
25-29	898	6.707	4.817
30-34	1.700	7.804	5.840
35-39	3.860	8.514	5.693
40-44	6.654	7.608	3.644
45-49	7.285	5.294	1.848
Total	21.191	41.281	26.166
Número de mulheres			
15-19	452	3.163	5.084
20-24	416	2.779	3.978
25-29	300	2.233	2.395
30-34	355	1.817	1.824
35-39	613	1.539	1.404
40-44	916	1.195	828
45-49	966	776	397
Total	4.018	13.502	15.910

Anexo 07. Componentes da paridade média por grupo etário e actividade económica, RGPH-2001				
Grupo de Idade e Variável	Actividade Económica			
	Agricultura	Comércio/ Serviço	Outras Activid.	Inactiva
Número de filhos nascidos vivos				
15-19	67	230	24	1.495
20-24	546	1.786	247	6.077
25-29	1.277	2.986	718	7.441
30-34	1.853	4.468	1.167	7.856
35-39	2.633	5.036	2.003	8.395
40-44	2.504	5.245	2.109	8.048
45-49	1.778	4.408	1.421	6.820
Total	10.658	24.159	7.689	46.132
Número de mulheres				
15-19	176	764	129	7.630
20-24	319	1.394	417	5.043
25-29	397	1.227	452	2.852
30-34	408	1.184	422	1.982
35-39	438	1.003	545	1.570
40-44	351	859	474	1.255
45-49	228	655	290	966
Total	2.317	7.086	2.729	21.298

Anexo 08. Componentes da paridade média por grupo etário e estado civil, RGPH-2001				
Grupo de Idade e Variável	Estado Civil			
	Solteira	Casada	União-de-Facto	Outras
Número de filhos nascidos vivos				
15-19	480	14	1.281	41
20-24	1.714	270	6.484	188
25-29	2.193	568	9.328	333
30-34	2.719	794	11.375	456
35-39	3.760	949	12.700	658
40-44	4.096	1.184	11.803	823
45-49	3.646	1.235	8.736	810
Total	18.608	5.014	61.707	3.309
Número de mulheres				
15-19	6.963	23	1.665	48
20-24	2.982	238	3.828	125
25-29	1.216	313	3.266	133
30-34	876	271	2.725	124
35-39	825	253	2.348	130
40-44	746	252	1.794	147
45-49	583	241	1.183	132
Total	14.191	1.591	16.809	839

Infecundidade:

Anexo 09. Componentes da infecundidade das mulheres por grupo de idade e meio de residência, RGPH-2001			
Grupo de Idade e Variável	Total do País	Meio de Residência	
		Urbano	Rural
Número de mulheres com e sem filhos			
15-19	8.699	5.115	3.584
20-24	7.173	4.214	2.959
25-29	4.928	2.802	2.126
30-34	3.996	2.300	1.696
35-39	3.556	2.051	1.505
40-44	2.939	1.689	1.250
45-49	2.139	1.248	891
50-54	1.629	917	712
55-59	1.291	703	588
15-49	33.430	19.419	14.011
15-59	36.350	21.039	15.311
Número de mulheres sem filhos			
15-19	7.201	4.312	2.889
20-24	2.264	1.558	706
25-29	440	324	116
30-34	136	96	40
35-39	93	61	32
40-44	73	44	29
45-49	52	30	22
50-54	47	31	16
55-59	48	30	18
15-49	10.259	6.425	3.834
15-59	10.354	6.486	3.868

Anexo 10. Componentes da infecundidade das mulheres por grupo de idade, distrito e região, RGPH-2001							
Idade e Variável	Distritos						Região do Príncipe
	Água Gr.	Mé-Zóchi	Cantag.	Caué	Lembá	Lobata	
Número de mulheres com e sem filhos							
15-19	3.714	2.111	778	294	569	838	395
20-24	3.075	1.848	595	221	469	713	252
25-29	1.993	1.195	469	181	384	512	194
30-34	1.631	964	349	151	341	402	158
35-39	1.492	852	319	136	237	372	148
40-44	1.233	744	248	104	196	303	111
45-49	877	546	183	75	141	227	90
50-54	647	461	161	61	95	152	52
55-59	479	337	121	45	110	143	56
15-49	14.015	8.260	2.941	1.162	2.337	3.367	1.348
15-59	15.141	9.058	3.223	1.268	2.542	3.662	1.456
Número de mulheres sem filhos							
15-19	3.199	1.768	603	244	415	669	303
20-24	1.257	552	117	44	78	178	38
25-29	289	85	14	8	4	30	10
30-34	72	33	5	5	8	7	6
35-39	50	16	6	2	5	12	2
40-44	33	15	3	7	2	9	4
45-49	21	13	3	5	2	6	2
50-54	22	10	8	2	0	3	2
55-59	22	11	4	3	1	6	1
15-49	4.921	2.482	751	315	514	911	365
15-59	4.965	2.503	763	320	515	920	368

Anexo 11. Componentes da infecundidade das mulheres casadas e em união-de-facto por idade e meio de residência, 2001			
Grupo de Idade e Variável	Total do País	Meio de Residência	
		Urbano	Rural
Número de mulheres casadas e em união-de-facto com e sem filhos			
15-19	1.688	854	834
20-24	4.066	2.213	1.853
25-29	3.579	1.961	1.618
30-34	2.996	1.695	1.301
35-39	2.601	1.472	1.129
40-44	2.046	1.156	890
45-49	1.424	825	599
50-54	948	524	424
55-59	657	349	308
15-49	18.400	10.176	8.224
15-59	20.005	11.049	8.956
Número de mulheres casadas e em união-de-facto sem filhos			
15-19	618	301	317
20-24	376	239	137
25-29	128	85	43
30-34	49	34	15
35-39	46	31	15
40-44	33	17	16
45-49	27	17	10
50-54	24	15	9
55-59	22	14	8
15-49	1.277	724	553
15-59	1.323	753	570

Anexo 12. Componentes da infecundidade das mulheres casadas e em união-de-facto por idade, distritos e região, 2001							
Idade e Variável	Distritos						Região do Príncipe
	Água Gr.	Mé-Zóchi	Cantag.	Caué	Lembá	Lobata	
Número de mulheres casadas e em união-de-facto com e sem filhos							
15-19	525	411	204	59	180	195	114
20-24	1.478	1.046	436	143	343	439	181
25-29	1.344	870	391	131	298	388	157
30-34	1.153	726	295	114	274	296	138
35-39	1.064	631	249	96	192	254	115
40-44	822	510	189	75	154	204	92
45-49	560	362	125	62	110	133	72
50-54	353	272	99	48	58	81	37
55-59	233	171	60	31	62	68	32
15-49	6.946	4.556	1.889	680	1.551	1.909	869
15-59	7.532	4.999	2.048	759	1.671	2.058	938
Número de mulheres casadas e em união-de-facto sem filhos							
15-19	195	161	67	22	52	73	48
20-24	186	92	26	9	19	35	9
25-29	74	27	6	4	0	12	5
30-34	17	18	4	1	5	1	3
35-39	26	7	2	1	3	6	1
40-44	15	7	1	2	2	4	2
45-49	13	8	0	1	2	2	1
50-54	13	3	4	1	0	1	2
55-59	11	6	1	1	0	3	0
15-49	526	320	106	40	83	133	69
15-59	550	329	111	42	83	137	71

TABELAS PARA CÁLCULO DE INDICADORES DE MORTALIDADE

Anexo 13. Componentes da taxa bruta de mortalidade por meio de residência e distritos, RGPH-2001

Meio de Res. e Distritos	População			Óbitos		
	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
STP	137.599	68.236	69.363	1.145	625	520
Urbano	75.013	36.455	38.558	693	377	316
Rural	62.586	31.781	30.805	452	248	204
Água Grande	51.886	24.963	26.923	540	289	251
Mé-Zóchi	35.105	17.359	17.746	303	177	126
Cantagalo	13.258	6.683	6.575	81	45	36
Caué	5.501	2.868	2.633	56	27	29
Lembá	10.696	5.519	5.177	52	27	25
Lobata	15.187	7.757	7.430	83	43	40
Reg. Príncipe	5.966	3.087	2.879	30	15	15

Anexo 14. Componentes da mortalidade infantil por meio de residência, RGPH-2001

Meio de Res. e Distritos	Nascimentos			Sobreviventes		
	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
S. Tomé e Príncipe						
15-19	789	399	390	749	377	372
20-24	1.551	751	800	1.501	725	776
25-29	995	488	507	953	469	484
30-34	738	338	400	706	324	382
35-39	549	272	277	521	263	258
40-44	189	85	104	177	78	99
45-49	43	22	21	38	22	16
Total	4.854	2.355	2.499	4.645	2.258	2.387
Urbano						
15-19	432	216	216	410	204	206
20-24	866	431	435	838	420	418
25-29	548	259	289	524	246	278
30-34	403	180	223	382	169	213
35-39	287	137	150	274	133	141
40-44	86	43	43	77	37	40
45-49	16	4	12	13	4	9
Total	2.638	1.270	1.368	2.518	1.213	1.305
Rural						
15-19	357	183	174	339	173	166
20-24	685	320	365	663	305	358
25-29	447	229	218	429	223	206
30-34	335	158	177	324	155	169
35-39	262	135	127	247	130	117
40-44	103	42	61	100	41	59
45-49	27	18	9	25	18	7
Total	2.216	1.085	1.131	2.127	1.045	1.082

Anexo 15. Componentes da mortalidade infantil por distritos e região, RGPH-2001												
Idade	Distrito de Água Grande						Distrito de Mé-Zóchi					
	Nascimentos			Sobreviventes			Nascimentos			Sobreviventes		
	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
15-19	278	146	132	263	139	124	181	87	94	173	82	91
20-24	599	294	305	581	286	295	389	194	195	374	186	188
25-29	370	164	206	355	157	198	209	118	91	201	115	86
30-34	282	126	156	270	121	149	177	77	100	172	75	97
35-39	203	94	109	196	92	104	147	69	78	137	65	72
40-44	55	27	28	48	22	26	60	27	33	58	26	32
45-49	7	2	5	6	2	4	15	10	5	13	10	3
Total	1.794	853	941	1.719	819	900	1.178	582	596	1.128	559	569
	Distrito de Cantagalo						Distrito de Caué					
15-19	78	38	40	71	33	38	23	12	11	21	12	9
20-24	165	76	89	158	72	86	50	26	24	49	25	24
25-29	123	58	65	113	50	63	36	20	16	35	19	16
30-34	69	30	39	67	29	38	35	17	18	35	17	18
35-39	53	25	28	52	25	27	22	13	9	20	12	8
40-44	24	13	11	22	12	10	8	2	6	8	2	6
45-49	5	1	4	3	1	2	4	1	3	4	1	3
Total	517	241	276	486	222	264	178	91	87	172	88	84
	Distrito de Lembá						Distrito de Lobata					
15-19	78	42	36	72	42	35	97	54	43	92	50	42
20-24	110	59	51	108	59	49	170	74	96	165	59	96
25-29	79	41	38	79	41	38	132	62	70	128	62	66
30-34	59	28	31	51	25	26	85	44	41	84	43	41
35-39	42	27	15	41	27	14	59	33	26	54	32	22
40-44	10	4	6	9	4	5	26	11	15	26	11	15
45-49	4	3	1	4	3	1	7	4	3	7	4	3
Total	382	204	178	369	201	168	576	282	294	556	271	285
	Região Autónoma do Príncipe											
15-19	54	20	34	52	19	33						
20-24	68	28	40	66	28	38						
25-29	46	25	21	42	25	17						
30-34	31	16	15	27	14	13						
35-39	23	11	12	21	10	11						
40-44	6	1	5	6	1	5						
45-49	1	1	0	1	1	0						
Total	229	102	127	215	98	117						

Anexo 16: Componentes do cálculo da tábua abreviada da mortalidade em S. Tomé e Príncipe, RGPH-2001						
	População			Óbitos		
	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
Taxa de Mortalidade Infantil				0,0542	0,0507	0,0576
0	4.564	2.281	2.283	257	132	125
1-4	16.104	8.131	7.973	185	111	74
5-9	18.768	9.588	9.180	66	37	29
10-14	18.440	9.441	8.999	42	24	18
15-19	17.568	8.869	8.699	31	17	14
20-24	14.300	7.127	7.173	33	18	15
25-29	9.823	4.895	4.928	17	10	7
30-34	7.776	3.780	3.996	28	19	9
35-39	6.642	3.086	3.556	32	16	16
40-44	5.452	2.513	2.939	29	21	8
45-49	4.043	1.904	2.139	19	10	9
50-54	3.063	1.434	1.629	36	20	16
55-59	2.419	1.128	1.291	26	13	13
60-64	2.741	1.310	1.431	46	28	18
65-69	2.121	1.047	1.074	72	44	28
70-74	1.656	785	871	68	34	34
75-79	1.133	517	616	59	30	29
80-84	619	264	355	51	22	29
85-89	250	102	148	31	14	17
90 e +	117	34	83	17	6	11
Total	137.599	68.236	69.363	1.145	626	519